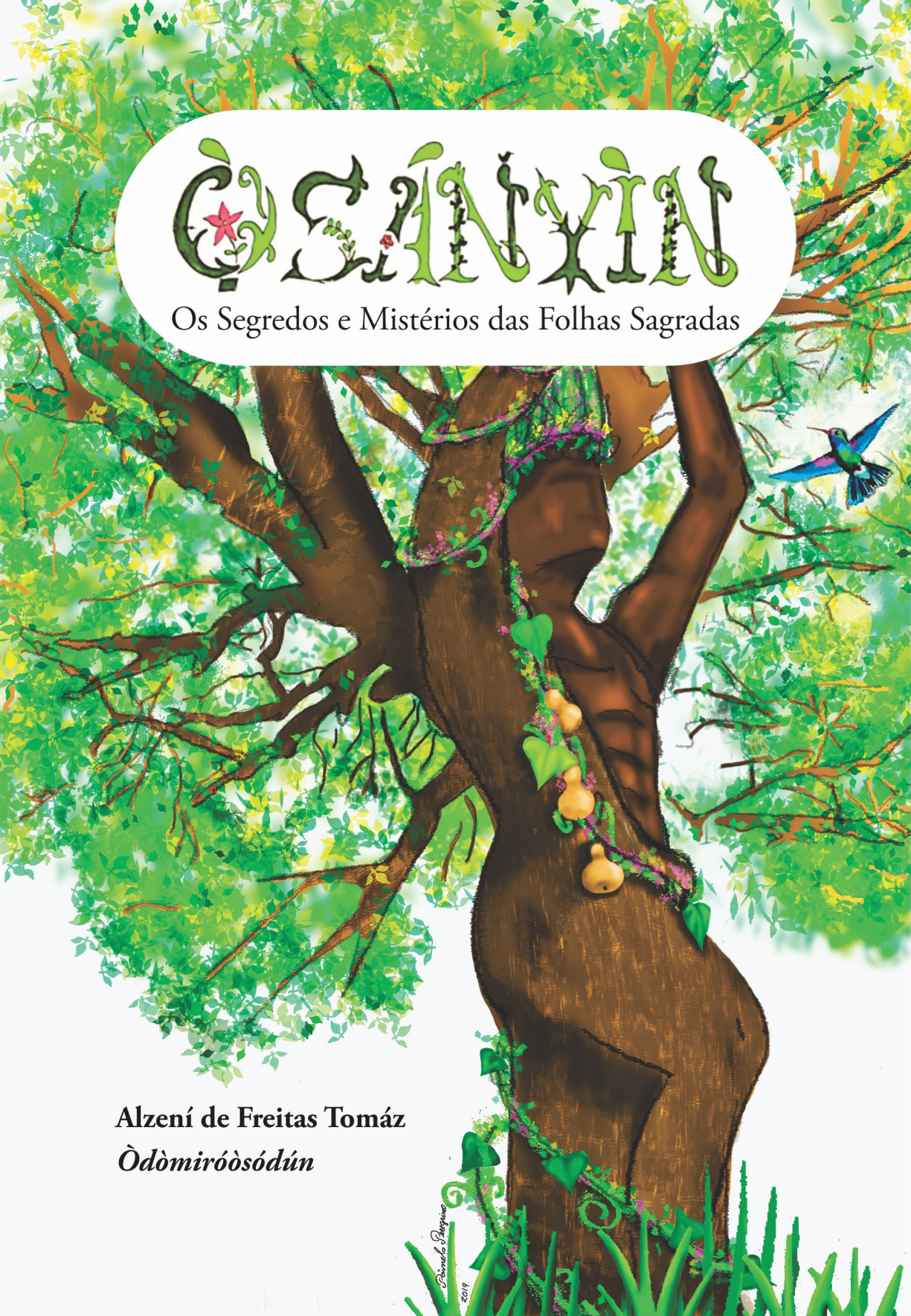


OSÁNYIN

Os Segredos e Mistérios das Folhas Sagradas

Alzení de Freitas Tomáz
Òdòmiróòsódún

Como nossa mãe Jurema nos ensina em seu cântico “apanha folha por folha meu Tatamiró, não deixa cair no chão”. Cuida com amor de Òsányìn, o que é mistério será revelado a ti, se mereceres. Salve as folhas de cura e os curadores. Ewé Ósà!

Sílvia Janayna Ilebomim

Não é todo dia que a alma das folhas deixa ver seus mistérios, Òsányìn é um presente, uma leitura essencialmente necessária, uma diversidade de caminhos que ensinam e dão sustentação através das palavras.

Paola Odònilé

Òsányìn, o dono do Axé, nos questiona o porquê da humanidade distanciar-se de seu ser natural? O porquê de trairmos a natureza? Traindo a nós mesmo em nossa essência. Òsányìn foi quem ensinou através de seu canto os segredos das folhas, o poder contido em cada planta, os mistérios do reino vegetal e sua fonte inesgotável, sem a qual, imprescindivelmente, não sobreviveríamos. Ouvir através da voz da autora esses segredos em Òsányìn, tão raros, nos possibilitam partilhar um pouco a sutileza do Axé de Òsányìn e dos seres divinos contidos em cada planta.

André Souza

ÒSÁNYÌN

Os Segredos e Mistérios das Folhas Sagradas

Alzení de Freitas Tomáz *Òdòmiróòsódún*

1ª Edição | 2019

SABEH
Sociedade Brasileira de Ecologia Humana

Paulo Afonso/BA

Diagramação e Capa Ana Paula Silva de Arruda

Ilustrações Pâmela Peregrino

Revisão Textual Paola Odónílé

Fotografias Alzení Tomáz, Clara Campos, Jinorman Oliveira e Paola Odónílé

Conselho Editorial

Dr. Juracy Marques (PPGEcoH/UNEB); Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS); Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional); Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB); Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB); Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH); Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH); Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB); Dra. Flavia de Barros Prado Moura (UFAL); Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC); Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ronaldo Gomes Alvim (Centro Universitário Tiradentes–AL); Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH); Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGECOH); Dra. Alpina Begossi (UNICAMP); Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF); Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF); Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH); Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB); Drª Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE); Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (UNIT); Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB); Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH); Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS); Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA); Dra. María José Aparicio Meza – PARAGUAI (UNA); Dr. Luca Valera - CHILE (PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE).

Equipe de Pesquisadores e Pesquisadoras

Alzení de Freitas Tomáz, Ana Beatriz da Silva Werneck Maria, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Daniela Santos Silva, Danilo Borges e Silva de Araújo, Gisele da Silva Conceição, Jakeline Alves Silva Muricy, Joaquim Alves Novaes, Juracy Marques dos Santos, Lilian Pinto da Silva Santos, Maria de Fátima Santos de Lima, Maria Rosa Almeida Alves, Nacho Vega Férnandez, Nilma Carvalho Pereira, Pâmela Peregrino da Cruz, Paulo Wataru Morimitsu, Robson Marques dos Santos, Silvia Janayna de Oliveira Veriato e Suana Silva.

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fatima Santos de Lima | Bibliotecária-Documentalista | CRB – 5ª/1801

T655o TOMÁZ. Alzení de Freitas.
Òsányìn: os segredos e mistérios das folhas sagradas. [recurso eletrônico]. / Alzení de Freitas Tomáz; ilustrações: Pâmela Peregrino; prefácio: Juracy Marques. - Paulo Afonso, BA: SABEH, 2019.
127 p.: il.

Disponível em: http://sabeh.org.br/?page_id=22
ISBN: 978-85-5600-049-1

1. Ecologia humana. 2. Ciência das ervas. 3. Farmacopeia. 4. Medicina. 5. Religião afrobrasileira I. Alzení de Freitas Tomáz. II. Título.

CDU: 299.6:633.8

Editora da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana
www.sabeh.org.br
Rua Campos Sales, 180 - Cleriston Andrade | Paulo Afonso/BA | CEP: 48.603-440
Fone: (75) 99217.6860 | E-mail: editora.sabeh@gmail.com

Este livro é produto do trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto da Nova Cartografia Social do Brasil, na Bacia do São Francisco, Projeto Quilombos, coordenado pelos Professores Franklin, Juracy Marques e Vânia Fialho e consta do repertório de atividades do Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana - GPEHA, supervisionado pelo Prof. Juracy Marques, em parceria com a Editora SABEH - Sociedade Brasileira de Ecologia Humana e o mestrado de Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH).

Dedico ao meu Pai Ọ̀sányìn dono do meu Orí
Porque é d'Ele que parte os ensinamentos.

Dedico ao meu Pai, João Tomás (*in memoriam*),
Que me trouxe à vida e ensinou-me a reconhecer no
odor das folhas a insígnia de sua serventia.
"Tenho pena da morte porque a vida é tão boa!"
(João Tomáz, 2006)

Ao meu filho Rauel Tomás Brito (*in memoriam*).
A folha de meu ventre, que nasceu e secou para dar
sentido ao ecossistema de minh'alma.
"[...] A folha de uma árvore deve secar e morrer, para que caia aos pés da árvore e dê força e vida para todo o sistema."
(Rauel Tomás Brito, 2013)

A morte dói na alma.
Dói na alma de quem vai e no corpo de quem fica.
A morte dói. Mas, a alma, ah a Alma!
Esta vê o que o corpo sente!
Mas, é das folhas que se extrai o alento, porque é o
Espírito maior que o corpo.

Que nenhum Povo nesta terra fique um dia se quer
sem Folhas Verdes.
À todo Povo de Terreiro que possui o Asé das Folhas.
Anawè Paulo Wataru! Companheiro desta existência.
Anawè Idjemim!
Anawè Povo do Abassà da Deusa Osùn de Idjemim!

Nos Segredos das Folhas e Mistérios das Florestas,
compartilho com vocês os enigmas de minh'alma!

"Omi Kò sí, Erùpè Kò sí, Ewé Kò sí, Òrìṣà Kò sí"
"Sem Água, Sem Solo, Sem Folha, Sem Orixá"

Kò sí Ewé, Kò sí Òrìṣà!
Sem Folha Não Há Orixá!

Esta publicação é parte integrante da Série Òrisà – disponível no Projeto da Nova Cartografia Social da Bacia do Rio São Francisco, que de maneira especial, neste número apresenta o Òrisà Ọ̀sányìn, o feiticeiro, médico do corpo e da alma na magia africana, que conhece todas as folhas, frutos e vegetais e, como conhecedor dos profundos segredos, as utilizam para curar todos os males.

Os Povos de Terreiros em sua cosmologia cultuam essa divindade como um dos mais misteriosos. Talvez por esta profundidade, as lacunas emergem na infinitude do tempo e dos textos. Nas folhas deste caderno, não se revela Ọ̀sányìn, isto seria impossível, antes, porém, se revela a necessidade de pensar a necessidade que o mundo tem de Ọ̀sányìn. Este Òrisà em tradução Yorubá significa: Ọ̀ – aquele que faz, SÀN – curar, YÍN – clamar, louvar = *Aquele que faz curar e louva por isso*. Talvez por isso, Deus criou as folhas para revelar suas mãos e curar a nós com alegria.

Apresentar Ọ̀sányìn não tem a pretensão de revelar seus segredos e mistérios, isto seria impossível. Não se toca a divindade de Deus, se não pelo coração. Estes escritos têm somente uma aspiração, de inspirar ao ser humano gratidão a Deus, por dispor de sua natureza e oferecer a nós a oportunidade de tocá-Lo. Tocar em suas mãos como uma poesia, sentir seu odor com prazer, enxergar seus círculos cromáticos como um sonho e alcançar sua identidade para nos compor à natureza de nossa origem.

Estes escritos são revelações da reconciliação com Deus e a descoberta do amor a um Òrisà: Ọ̀sányìn.

Uma boa leitura com muitas folhas para cuidar! Para que nunca esqueçamos de onde viemos, da terra que tudo dá.

Alzení Tomáz

Sumário

O Mistério dos Mistérios 11
Prefácio de Juracy Marques

As Veias de uma Pequena Folha 15
Pedindo Licença

1 O Segredo do Sagrado 21

2 O Que é um Òrisà na Vida de uma Pessoa 29

3 Òsányìn - Senhor das Folhas, da Ciência e das Ervas 39

4 A Farmacopeia de Ọ̀sányìn nos Terreiros de Candomblé e Umbanda no Sertão 55

5 Os Segredos e Mistérios de Ọ̀sányìn 67

6 Encantar as Folhas no Reino Vegetal 101

Posfácio 107
de Pâmela Peregrino

Dicionário 117

Referências 123

O Mistério dos Mistérios

Prefácio de Juracy Marques

Luz do sol
Que a folha traga e traduz
Em verde novo
Em folha, em graça, em vida, em força, em luz
(Caetano Veloso)

Em tudo há um segredo. Em nós mesmos não sabemos de nós mesmos. Intuímos. Construímos uma ficção sobre nossa própria existência. Estamos sempre diante do Mistério dos Mistérios.

É aí que celebramos a face de Deus, no Mistério. Onde não alcançamos as leis da natureza, lá, no mais oculto dos segredos, está o Divino. Ele está enraizado nos limites infinitos do Universo, no enigma da chuva, no silêncio das estrelas, no coração dos humanos, na magia das folhas.

A Terra, na sua mística forma de parir seus filhos e filhas, escreveu sobre sua pele desenhos de felinos, de borboletas, de pássaros, de gentes, de árvores. Grudados ou não a Ela, nossa deusa Gaia, todos somos parte desse corpo celeste dos encantos de Deus.

Gente e Folha não são coisas diferentes. São a mesma coisa misteriadas como belezas distintas e infinitas da existência. São poesias de um mesmo livro, escritas em folhas separadas das escrituras, nunca escritas, vindas do coração de Deus. O Humano guarda a Folha no seu espírito e a Folha guarda o Humano em sua alma.

Se nós pensarmos como parte de um mesmo organismo, nós e as folhas, somos células dessa criação divina, a Terra, que também é parte de um sistema cósmico ligado ao Divino pelo Mistério. Somos, também, pontinhos minúsculos da pele vegetal de Deus.

Estamos todos contidos na fascinante aventura evolutiva dos organismos terrestres. Partilhamos caminhos semelhantes. Fomos, em algum momento da história, a mesma coisa que, antes de ser essa mesma coisa, era a Consciência Divina inundada de Amor e Luz – o Mistério dos Mistérios.

Como há uma dimensão infinita e inalcançável nos espíritos humanos, há algo inacessível nas almas das folhas. Quem é esse mistério? Que força é essa que esconde o poder das plantas? Que sistema rege a alma das árvores?

Pajés, xamãs, curandeiros, rezadores, benzedeiras, feiticeiros, magos, alquimistas, químicos, botânicos, filósofos, médicos, bruxas, todas essas vidas são regidas pelo desejo de desvendar o mistério e o poder das folhas. Não há magia e cura sem as ervas. Não há natureza sem folha. Não há vida

sem planta. Que poder nos faz vegetar e, alquimicamente, nos torna em vegetais?

Essa relação é um princípio que governa uma das leis fundamentais da espiritualidade: nossa relação com o reino vegetal. No Candomblé, essa lei é traduzida com a evocação ancestral *Kó si ewé, kó si Òrìṣà*, Sem Folhas não há Orixá.

Apesar do esforço de uma mentalidade antivegetalista, teísta ou ateísta, muitas nações da Terra, celebram a Divindade Suprema como se fosse a própria Natureza. Cada parte dela, os mares, as montanhas, os raios, o sol, os rios, os minerais, a lama, o fogo, as florestas, são cultuadas como forças sagradas desse Grande e Inacessível Mistério da Criação. Um dos nomes que dá nome ao oculto que se esconde nas folhas é Ọ̀sányìn, o Orixá das Folhas.

É desse Mistério que Alzení trata nesse livro. Ela fala de um segredo que ela carrega nos ossos, na pele, na carne, na alma, no espírito. Para acessá-lo, ela entrou dentro das folhas e se deparou com o desafio silencioso e oceânico de nomear o inominável. Ela, na sua relação com seu Pai, Ọ̀sányìn, deparou-se com o Sagrado do Segredo que se esconde nas plantas. Então, o que a ela foi autorizado falar?

Quem ler os escritos desse Caderninho Verde, feito de celulose e de uma fotossíntese místico-ecológica que escorreu das veias da pele vegetal de Alzení, perceberá quão enigmático é esse Orixá, o Feiticeiro das Matas da Terra – Ọ̀sányìn.

Para mim Ọ̀sányìn é a **Pele Vegetal de Deus**, um dos Mistérios mais fascinantes do Universo. Se não podemos vê-lo, ao menos podemos senti-lo e bebê-lo com os olhos do nosso espírito, amando, com todo nosso Ser, a Natureza Sagrada.

Do pouco que sei desse Grande Feiticeiro, dessa Grande Feiticeira, do seu hipnotismo ancestral, diria, que não há nada mais pleno que tocar os fractais das delicadas folhas perdidas dos sistemas das árvores enraizados ao coração da Terra e ao Enigma do Mistério de Deus. Viaje nessa leitura como se fosse a luz dragada pelas plantas num dia lindo de Sol.

As Veias de uma Pequena Folha

Pedindo Lincença

Início esse escrito pedindo permissão a Òsányìn para ocupar-me no encantamento das folhas:

Àgò Ewé Òsányìn!
Que meu corpo, minh'alma e meu espírito sejam fiéis aos teus desígnios, isto porque, o sentido das folhas vem sustentando-me a vida.

ESCUTAR A VOZ DO ÒRÌSÀ

Parte dos escritos que seguem, são fruto das experiências sensíveis vivenciadas no Terreiro de Candomblé da Ìyálórìsà Id-

jemim, além da escuta aos Povos de Terreiros na compreensão sobre Òrìs̩à Òsányìn. Dar voz a esta experiência, expõe enunciados com sentidos e sabedoria pronunciados pelos Espíritos.

Òsányìn oferece pistas de aconselhamentos a serem compartilhados. Nossa participação nos enunciados é resultado de uma consciência semiótica, marcada por um território de folhas e correlacionados por entre sinais e símbolos. Neste meio, a ação interpretativa nem sempre inteligíveis, apontam efeitos produzidos pelos signos que se apresentam no reino dos vegetais.

Alguns enunciados aparecem em negrito - para destacar a voz que ecoam das folhas -, os efeitos lançados nesta consciência, reproduzem pensamentos dos fenômenos cujas percepções conceituam sagrados, segredos e mistérios presentes nas folhas de Òsányìn.

Ante ao mergulho nas folhas, um emergir por entre a minha própria consciência traz em sonhos o apócrifo do Evangelho[1] de Maria Madalena: Maria Madalena relata aos Apóstolos a experiência que teve com Jesus... Jesus me disse: "Onde está a mente há um tesouro, reconheça o que está diante de seus olhos, e o que está oculto a ti será desvelado. Pois não há nada oculto que não venha a ser revelado" [...]. Maria Madalena respondeu a Jesus dizendo: "Esclarecerei o que está oculto, pois eu tive uma visão do Senhor, onde o Senhor, Mestre, apareceu a mim numa visão. Jesus então, disse a Maria Madalena: "Bem-aventurada sejas, por não teres fraquejado ao me ver. Pois, onde está a mente há um tesouro". Madalena disse:

1 Este Evangelho foi escrito provavelmente no século II. Foi através de um fragmento copta, que ele chegou até nós. O destaque fica para a estranha parábola que Jesus conta para Maria Madalena. Esta passagem ocorreu após sua crucificação [grifo nosso].

"Mestre, aquele que tem uma visão ver com a alma ou com o espírito?". Jesus respondeu e disse: "Não vê nem com a alma nem com o espírito, mas com a consciência, que está entre ambos - assim é que tem a visão [...]".

Convém, indagar que a experiência sensível e emocional da maturação desta consciência provém de uma relação onde há cosmovisão, interposta por uma interpelação no sentido da interpretação.

Assim, trago o pensamento de Bairrão (2005) que em suas pesquisas no campo da psicologia em terreiros de Candomblé e Umbanda, demonstra que as Entidades ou Espíritos, considerados como Òrìs̩às, `Nkisis, Voduns, Caboclos, Encantados, etc. devem ser 'sujeitos' e ao mesmo tempo o pesquisador como tal, torna-se efetivamente participante, sem prejuízo epistemológico da pesquisa. Bairrão, demonstra que é perfeitamente possível perceber no transe, o Espírito como sujeito que "mostra-se enunciante, fala e fala-nos de nós!" Nessa medida, imediatamente se é participante.

ESCUTAR COM VOZ DO SABOR

Dito isto, inicio com uma experiência de infância. Quando criança, eu e meu pai, um velho camponês dos Sertões do Pajeú[2], caminhando nas trilhas das Caatingas, escutava-lhe os ensinamentos sobre o uso das plantas, a cada uma, ele atribuía-lhe uma função: "esta serve para feridas, essa pra dor

2 Região do Sertão de Pernambuco - Nordeste brasileiro, é o Rio Pajeú afluente do Rio São Francisco.

de cabeça, essa pra dor de dente… não pode esquecer!" Mas, a cada rotina de percurso eu não conseguia lembrar do nome da planta e, ele pacientemente, retomava a lição da feitura dizendo-me: "se não lembrar o nome, sinta o cheiro que esse aroma vai buscar na memória a serventia". Foi a técnica mais eficaz que pude encontrar, cada vez que precisava de uma plantinha pra curar alguma doença, o olor exalado no sistema olfativo seguia para memória de minh'alma e, subitamente, buscava a serventia, mesmo sem alcançar sua nomeação. Os ensinamentos de meu pai funcionavam como memória.

Mas, essa experiência não é primeira com as matas. Era comum, muito pequenina, se perder na roça. Minha mãe me fez memória de um episódio que eu me perdera nas matas e ela gritava desesperadamente para me encontrar. Certa feita, lembrei-me do episódio como uma cena de filme: com uma boneca feita de sabugo de milho, envolta em meus braços me perdi por entre as bananeiras de uma cacimba de água que minava todo o ano, matando a sede de todos da região. Para nós um lugar sagrado, encantado não se poderia entrar neste campo, sem os cuidados de um adulto, mas entrei e me perdi. Lembrei que brincava com uma pessoa das matas, ele tinha cabelos muito grandes e parecia uma mulher meio velha, às vezes parecia mesmo uma criança porque era baixinho e pequenininho, e não parava de assobiar, a ressonância ensurdecedora, dificultava escutar os gritos de minha mãe a minha procura. Até que um sibilo dos ares faz com que ela me encontre. Conta ela que me achou com a bonequinha, não havia ninguém, mas, havia um forte cheiro de fumo, me disse que naquele tempo, tinha medo de me perder nas matas, porque era comum o meu sumiço. "Já procurava a horas em desespero até dentro da cacimba que era bem profunda. Essa menina sumia

tanto se perdendo nas matas, que eu só tinha medo dela morrer de uma mordida de cobra, porque lá no sítio tinha muitas". (BETA DE JOÃO TOMÁZ, 2017).

Foi por esta razão, que ela chamou um velho curandeiro da região que sabia fazer cura de mordida de cobra e rezas para afastá-las. Acho que tínhamos uns sete a oito anos de idade, quando aquele senhor de tamanho pequeno, tirava de seu saco muitas porções de ervas. Não, meninos não podiam presenciar o preparo! Fomos obrigados a se esconder, mas, "menino é bicho matreiro!", como dizia meu pai. Ficamos observando aquela cena da brecha da porta. Víamos que o velho senhor, manipulava raízes e folhas e dizia palavras estranhas, parecia que conversava com cada uma delas. E tomei o antídoto. "Pra ser curada de mordida de cobra tem que ser merecedor de cobras…", minha mãe lembrou-me dessas palavras. Neste caminhar além da infância, a experiência vivida, transmuta o tom da vivência no sagrado, sem saber de sua sacralidade. Talvez tenha sido estas minhas primeiras aproximações junto a Ọ̀sányìn e Ọ̀ṣùmarè.

Em meu feitio no Terreiro de Candomblé de tradição na nação Ketu e Angola, minha irmã de camarinha se fazia em Ọ̀ṣùmàrè. Ọ̀sányìn e Ọ̀ṣùmàrè possuem morada em minh'alma. Para se conhecer as folhas, as matas, os segredos têm que se entregar totalmente a elas, entrar dentro e tocar no coração dos pássaros.

A CURA DO CORPO E DA ALMA

Os Povos de Terreiros, conhecem os aspectos medicinais que as plantas assumem na sua ritualidade, sabem

como preparar e como usar o arcabouço de conhecimentos. A importância das ervas assume cada vez mais um caráter transdisciplinar nos estudos acadêmicos, muito embora, os aspectos confidenciais, "proibidos" vivenciados pelos Povos de Terreiros sejam dificultosos. O Èèwò (mistério) são revelados nos processos de transmissão de conhecimentos que acontecem para os iniciados de forma parcial, gradativa, lenta e sempre oral.

Mas, é neste arcabouço de conhecimentos transmitidos na oralidade que a tradição dos Povos de Terreiro resiste e, mantém através da manifestação dos Òrìs̩às, `Nkisis, Voduns, Caboclos e Encantos a tradição em ensinamentos.

Òsányìn, como senhor da profundidade e da intensidade das florestas, por me honrar com seu nome, reina em meu Orí e empresta-me seu nome, me possibilita estabelecer uma rede de conexões para comprimir o meu odù, destino. Entoa seu canto através dos pássaros e em sua mais concreta representação de poder e comunicação atua como "Rainha das Folhas Verdes".

Òsányìn, o mais enigmático dos Òrìs̩às preserva o sagrado, o segredo e os mistérios dos encantamentos das folhas, para propiciar aos humanos a cura do corpo e da alma, para que o espírito se fortaleça e alcance a magnitude da razão de existir.

1
O Segredo do Sagrado

Ewé wá sà o!

O Sagrado não pode ser facilmente medido e compreendido,
pois existe apenas no universo do inefável. (Rudolf Otto)

Por que as Plantas são consideradas sagradas? "As plantas possuem raízes no chão e o resto nos altos só para alcançar o céu, por isso, todas as plantas são sagradas", dizia meu velho pai. As árvores e as plantas são como veículos de comunicação entre o céu e a terra, dizem os estudiosos, poetas, filósofos, cientistas... Meu pai, um camponês sem formação escolar, intuitivamente, entendia dessa ciência, talvez pela sua origem camponesa de viver a vida até os 97 anos, vivendo no seio da terra, numa conexão diária, ele e a natureza eram uma coisa só.

De origem latim, a etimologia Sagrado significa: *sacrātus*, *a*, *um*, part. pas. de *sacrāre* 'consagrar, sagrar, sacro', no

dicionário espanhol[3]. Sagrado está relacionado à divindade, ao culto às forças sobrenaturais, ao culto divino, algo digno de veneração e respeito, também, lugar que, por privilégio, podia servir de refúgio aos perseguidos pela injustiça.

Eliade (1992) sugere que a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano. O sagrado equivale ao poder, diz ela, e, em última análise, à realidade por excelência. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia.

Já para Frank Usarski (2004), diz que convencionou-se entender a categoria de sagrado como algo estrita e estreitamente ligado ao ético, ao moral e à bondade. Para ele, ser sagrado é o mesmo que ser santo, ou melhor, ser revestido de uma pureza moral e ética inigualável e inacessível, o que confere ao ser que é santo/sagrado uma bondade extraordinária. Todavia, o autor chama atenção, para a percepção de que o sagrado possui dentro de si elementos morais e éticos, mas não pode ser pura e simplesmente reduzido a estes.

Otto (1985), se propõe a estudar outra dimensão do sagrado, onde o mesmo não pode ser tão facilmente medido e compreendido, elucidado em conceitos ou mais ainda entendido e definido, pois existe apenas no universo do inefável.

O sagrado parece irracional, como um ato misterioso, que se manifesta como o oposto do que é profano. A manifestação do sagrado através das pedras, do lugar, da árvore, parece uma ordem que não pertence a este mundo, mas, que se manifesta em objetos que pertencem a este mundo natural, profano. A folha, a árvore, a pedra deixa de ser o que é e passa a

3 Dicionário de la lengua española, Real Academia Española (http://dle.rae.es/?id=WzDSEBx), acesso em 16/10/2017.

ser "sagrada". Toda natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica (ELIADE, 1992). A autora nos demonstra a ideia do sagrado como algo bom. Já Otto (1985), demonstra que o sagrado não é algo totalmente bom e o apresenta como um problema moral.

Todas as plantas cultivadas atualmente foram consideradas na origem plantas sagradas (CAMARGO, 2014). É nesses símbolos de uma Árvore Cósmica, ou da Imortalidade, ou da Ciência, que se exprimem com o máximo de força e clareza as valências religiosas da vegetação. Em outras palavras, a árvore sagrada ou as plantas sagradas revelam uma estrutura que não é evidente nas diversas espécies vegetais concretas (ELIADE, 1992).

Camargo (2014) considera que as plantas, no seu investimento de poder, tornam-se sagradas por meio da ritualidade de cura. Boada (2014) aponta que foi na sombra de uma árvore o primeiro templo dos seres humanos e, portanto, é a elas que dispusemos nossa reverência.

A história das plantas, no mundo dos humanos, deu início nas sociedades primitivas, na busca do conhecimento sobre os vegetais, relacionando-os com alimento, doença, remédio, veneno (CAMARGO, 2014). As árvores sempre foram necessárias para a humanidade desde a sua origem. Além de seu uso prático sua dimensão da sofisticada religião naturalista que os designou como morada dos deuses e até deuses em si mesmos.

Para Boada (2014), Árvores Sagradas foram aquelas espécies ou variedades que rapidamente chamaram a atenção das espécies humanas devido a peculiaridades físicas, como a sua longevidade, perenidade ou potencialidades, nutritiva, como medicinal. Os cultos animistas sempre tiveram as árvo-

res como seres sobrenaturais, morada de espíritos da vegetação e fertilidade, é algo conservado em nosso acervo cultural.

O sagrado aparece diferente da realidade aparente. Ouvi dizer[4]:

> É na palavra[5] que se ultrapassa a experiência natural do ser humano para alcançar o sagrado.

E a depender da percepção é possível alcançar ou não sua substancialidade. Mas, é na entrega que é possível invocar e acessar a sacralidade.

Ouvi dizer:

> As árvores e as folhas são sagradas porque são. E os Espíritos que nelas habitam, dançam, cantam, entoam, bravejam e continuam a dançar! Se souber tocar nesse encantamento, por meios de suas mãos límpidas e das palavras puras de seus lábios, talvez possa acessar todo poder.

Òsányìn é conhecedor desses encantamentos, e cada espírito que habita nas plantas poderão emprestar-nos seu poder, se a ela designarmos o respeito merecido.

Ainda, ouvi dizer em repetições:

> As coisas são sagradas porque são!
> As coisas são sagradas porque são!
> As coisas são sagradas porque são!

4 Escuta dos ensinamentos através de experiência mediúnicas.

5 Na experiência mediúnica a ideia de linguagem aparece: como fala, sinais, símbolos, gestos, iconografias, desenhos, mapas e até símbolos matemáticos ou linguagens sintagmáticas… [grifo nosso].

Òsányìn nos mostra que os espíritos habitam os corpos, plantas, pedras, minerais e, dessas outras tantas naturezas, inclusive no humano, numa contínua conexão de combinações e atualizações, perseverando no ser presente e onipresente, cujo atributo é sacro.

Ouvi dizer, que a Cachoeira[6] do Rio Opará[7], tornou-se sagrada porque 'eles' [indígenas que aí viviam] a habitavam, e a veneravam, e a desfrutavam com o respeito, se alimentavam e se banhavam, cantavam e dançavam seus males e suas dores, festejavam o nascimento e a morte, e para tudo entoavam palavras de Encantos. Mas sofreram a corrupção, e o mal que também lhes habitavam, e, morreram vítimas da traição.

> A terra e suas águas recebem o sangue dos inocentes e este lugar tornou-se o que é - cheio de ilusão[8]. Mas, um Espírito de um Velho Pajé que se Encantou, reinou e desejou que esse lugar teria que se torna novamente o que era - *sagrado* (WASHINGTON PANKARARU, 2018).

Ouvi dizer em sonhos:

> Eis que no paraíso todos os merecedores poderão habitar, mas, os guardiões deste paraíso, poderão ser os originários, se assim o merecerem.

6 Fala-se aqui da Cachoeira de Paulo Afonso/BA, considerada pelos Povos Indígenas um de seus lugares mais sagrados.

7 Rio Opará é o nome dado pelos Povos Indígenas - é o rio que corre para o mar, desde tempo coloniais, batizado como Rio São Francisco.

8 Aparece num sonho como ilusão, a Chesf que gera a energia da ilusão, um Congresso corrupto e um Governo maldito.

Um lugar, um território pode ser sagrado e deixar de ser e, torna-se novamente sagrado. O sentido, a experiência e a razão que afirma a existência dos espíritos, substancializa-se no uno e é capaz de conectar-se novamente com a alma do universo. As Árvores são desde sempre sagradas.

O cacique Babau Tupinambá (2017), intervindo nesta assertiva, me responde a pergunta sobre o que significa um território sagrado. Este diz:

> Um território sagrado reterritorializado, jamais poderá ser o que foi, porque carrega a carga da história e das dores, os males, mas, em sendo sagrado, mais cedo ou mais tarde, retorna para as mãos de seus herdeiros, tornando-se sagrado se este Povo for merecedor.

A significação daquilo que é *sacrus* não se dissipa com o tempo, ao contrário, se ressignifica e se torna aquilo que poderá ser. O ser humano na sua potencialidade das conexões com as forças da natureza, ambos como um ente ecossistêmico, idealiza o florescer da ideia de um Bem Viver num território capaz de emergir flores.

A ÁRVORE DA MORADA DE ÒSÁNYÌN

No território mais sagrado encontram-se formas, performances, adornos. Um regime de sons e tons. E como entrar no mais profundo da alma, no tronco da árvore? Sabe-se que por dentro há rizomas que se conectam com todas as forças

e dando ânimo, impulsiona para o alto, para os lados e para baixo e produz sistema de folhas. E como tais se transformam em moradas de deuses que desfrutam substancialidades.

Numa linguagem sintagmática, sua entrada é numa casa sem paredes, montável e desmontável, seus lados matematicamente calculados, torna-se caminhos para a árvore, [...] a Grande Árvore, onde mora Ọ̀sányìn, outros Òrìṣàs e `Nkisis, Eré, Yabás, são árvores/plantas que fomentam o caminho dos deuses, espíritos e almas, para transitar entre céu e terra. É como entrar num corpo e se ver dentro dele. Um sonho real.

Deleuze (2012, p. 33), diz que existem estruturas nas árvores que podem brotar rizomas, diz ainda que "num coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar". O Rizoma de Ọ̀sányìn situa-se na mais profunda estrutura interna da árvore, possui galhos conectas, moradas de diversos espíritos, que como palavra, ressoa no eco do horizonte - uma erva. Sua entrada: a casa, semiaberta, como uma caixa que se abre em movimento, o Eu, - a morada, que caminha por dentro e sai no oco que, como ser, desfruta a seiva de tudo que há nela, não tem forma, tem rizoma.

Árvore é a figuração simbólica de uma entidade que a ultrapassa, que pode ou não se tornar objeto de culto como compreende Eliade. Símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade, serve para sinalizar aspectos cíclicos da evolução cósmica: morte e regeneração.

Encoberta de folhas, as árvores se despojaram e tornam-se a recobrir-se, suas raízes eclodem na terra, exploram as profundezas e se enterram. Através do tronco e de seus galhos in-

feriores na superfície da terra, acolhe neste território a morada, às alturas por meio de galhos superiores e de seu cimo, atraídos pela luz do céu. Répteis se arrastam por entre suas raízes, pássaros voam através de suas ramagens.

São as árvores que reúnem todos os elementos: água que circula com sua seiva; a terra integra-se ao seu corpo através das raízes; o ar lhe nutre as folhas; delas brotam o fogo quando esfregam seus galhos e encontra outra; e o éter, cuja morada não possui ilusão, é o símbolo que se estabelece entre a terra e o céu.

Alcançar os segredos das árvores é como alcançar o estado de beatitude onde o ser ultrapassa a dualidade das aparências, encontra a Realidade Suprema, a Unidade Original, onde o ser coincide com Deus.

No Sertão do Nordeste Brasileiro, o Povo Pankararé para chegar na Festa do Amaro, cerimônia de culto à natureza, realiza uma romaria que percorre um caminho de encontro com árvores sagradas de Umbuzeiros, para pedir permissão aos Encantos até chegar em terras sagradas. O Umbuzeiro é considerado a mãe que alimenta seus filhos em tempos de seca e, como mãe possui o espírito mais sublime da natureza. Ela se comunica abrindo-se e reflexionando-se como se fechado abrisse as portas das dimensões simbólicas de uma existência contínua, para entrar uma janela, mas, por dentro muitas portas se abrem para todos os horizontes.

2

O Que é um Òrìs̲à na Vida de uma Pessoa

Conectar-se com o que tem é a direção do enriquecimento.
Para isto, é preciso sacrificar os poderes para que a humildade o aproxime do sagrado. (Nilton Bonder, 2012)

Os arquétipos são tão antigos quanto a consciência humana. Os arquétipos se instalam na consciência humana pelos símbolos, carregados emocionalmente de caráter mitológicos, universais e transhumanos. Os símbolos são estruturas, ou formas psíquicas que organizam o inconsciente coletivo, que é herdeiro de toda experiência humana através dos tempos. Os arquétipos, ou as "experiências" humanas e universais, são poderes independentes e superiores ao ego, que reside no inconsciente (PEREIRA, 2003).

Na semiótica experienciada pelos Povos Originários, nos é ensinado que a mente ao se ampliar, honra e usufrui das

bênçãos embebidas pelo Universo, o que torna difícil acompanhar pela vida, o senso do sagrado, porque a humanidade quer ter poder de Deus. Mas, não é má notícia para o ser humano que ele não seja deus, porque a qualidade de ser plenamente humano tem a mesma magnitude de ser um deus. Neste ato, tem de ser borboleta ou de ser verdadeiramente humano para que nos incorporemos a Deus.

Marques (2016) no livro *Ecologia do Espírito*, vai deduzir que a crença na existência em Deus, ou deuses, está presente em todas as civilizações humanas. Daí porquê, diz ele, mencionando Jung, o ser humano como animal espiritual, formam símbolos e criam religiões assim como fazem qualquer outra coisa de necessidade básica.

No paradigma que sustenta a relação entre a metafísica espiritual e a ciência do mundo material, é necessário ir além da Ciência, além da razão, até os estados superiores de consciência. Então, não é possível negar a existência do inexplicável, por isso, Marques (2016, p. 47) apresenta isto, como "um paradigma invisível da ciência". No paradigma da invisibilidade, a ação ativa ou passiva, substancializa o sentido da existência.

Em narrativas do Povo de Terreiro é possível identificar a ação de um Òrìs̩à na vida das pessoas. Ouvi dizer: "tudo é uma questão de fé, mas, pergunte o que é um Orixá na vida de uma pessoa?"

As respostas estão carregadas de sinais existenciais de consciência que acessa o mais profundo do inconsciente. Ao reproduzir essa questão aos participantes do Terreiro de Candomblé da Deusa Òs̩ùn de Idjemim, as respostas foram idênticas:

Evolução Humana

Òrìṣà é a certeza da concretização de uma possível evolução humana. Uso a palavra possível, porque a evolução depende também de nós. Òrìṣà é o caminho e nós somos responsáveis pela escolha. (JACKELINE ARAUJO, filha de Yemọjá, 2017)

A força que nos impulsiona para o caminho do melhoramento. É a Luz que não nos deixa entrar nas trevas, pois nos guia e nos guarda. É quem conhece intimamente nosso coração e nos dá tudo o que precisamos e merecemos. Òrìṣà é amor. Òrìṣà é a força que nos sustenta através da fé. (LUCAS RIBEIRO, filho de Ọ̀sóòsi, 2017)

Companhia para a Vida

Òrìṣà é a própria vida. Òrìṣà é boa companhia pra vida inteira, nunca mais estar só. É cabeça boa e bons resultados quando se tem devoção e disciplina, mas também pode ser susto, cegueira e "má sorte" quando não se sabe ser um bom filho de Òrìṣà. Òrìṣà é um pedaço de Deus bem perto, cuidando de nós. (PAOLA ODÒNÍLÉ, filha de Yemọjá, 2017)

Da minha pessoa é a certeza de não estar só. É segurança. Como uma mãe ou pai. (CLAUDIANE, filha de Ọ̀ṣùn, 2017)

Equilíbrio Emocional

Òrìṣà é direcionamento e equilíbrio emocional. É àṣe, é amor. É compreensão e fazer compreender-se. É humildade

por deixar os filhos encontrarem seus próprios erros para corrigi-los. (ALINE, filha de Yemọjá, 2017)

Òrìṣà é força que transcende. Guia de caminhos traçados que longe estão da nossa compreensão, do nosso tempo. (BIANCA, filha de Òṣùmàrè, 2017)

Òṣùn pra mim é tudo. A água que corre no meu sangue, nas minhas células, que alimenta meu espírito e me alimenta com o seu àṣe. É a luz que ilumina meu caminho, ela é o próprio caminho. A razão da minha existência, o sopro de vida que me move. Òṣùn pra mim é recomeço, é a vida, é renascimento. É a minha força, a minha esperança, é a mãe que me nina no seu colo infinito de amor e água. (CLARA, filha de Òṣùn, 2017)

É a força da natureza, que existe fora e dentro de nós, que ajuda a buscar nosso equilíbrio interior, dando força e proteção. Possibilitando o autoconhecimento... Contribuindo na busca para sermos seres melhores… (SILVIA JANAYNA, filha de Òṣùn, 2017)

Mãe pequena, para mim Òrìṣà é muito importante que me fez ter paciência, me fez não me importar com o que os outros dizem ou acham sobre mim, tenho pleno respeito pelo próximo. (ARACELI, filha de Yánsàn, 2017)

Ensinamentos

Òrìṣà é luz, ensinamento, fé, humildade e acima de tudo, amor. (BRUNA, filha de Òbà, 2017).

Na minha vida hoje, os Òrìṣàs são o que dão sentido para viver... Se não fossem os encantos talvez não tivesse a oportunidade de deixar desaflorar em mim, nessa pequena passagem pela Terra o que pode haver de melhor na essência humana... Amor, a paciência, a humildade, a fé... Tento as vezes ver a vida como seria sem eles... E acho que seria vazia, porque os Òrìṣàs são o que preenche minha alma. (RAMIELE, filha de Òrìṣà Olufón)

Òrìsà é tudo de maravilhoso que ilumina a alma o dia faz os desafios e a dor ficar mínima… Pra mim é tão sagrado… Um amor infinito sem palavras pra descrever… (EUZIANE, filha de Lógunède, 2017)

Ancestralidade - Uma arqueologia do pensamento

O Òrìṣà é o encontro com a ancestralidade, com a natureza, com o sentimento de pertencimento ao mundo. É uma intensa e complexa perda de sentidos que dá sentido às múltiplas vivências. (JULIANO, filho de Omolu, 2017)

Eu compreendo a existência da crença, manifestada através do sentimento de alguém que busca o fortalecimento a partir da experiência da vida em detrimento ao meu pai Òṣàlá. E ao mesmo tempo, a busca incessante de sua presença em todos meus fazeres. Fortalecendo-me, perdoando-me, orientando-me e acima de tudo a unidade em um elo de cumplicidade e respeito a um ser que rege e guia toda minha Vida. Tenho aprendido muito após ter adentrado no Candomblé. Pois ajudou-me a evoluir mais e mais como ser humano e cristão. (EDSON, filho de Òṣàlá, 2017)

> Òrìs̲à é uma forma de reconexão com a ancestralidade e ao mesmo tempo um ensinamento de que a gente faz parte e está interligado com algo que é muito maior, com energias vitais, que são forças da natureza nesses territórios que estão por aí. Òrìs̲à é isso, quando eles nos escolhem como filhos, eles permitem que a gente acesse arquétipos e que se possa trabalhar isso na vida. (BRUNO HEIM, filho de Òsóòsi, 2017)

Força e Luz

> Pra mim é uma força maior… Se sentir privilegiada em ser escolhida pelo Òrìs̲à, pois no meu entender somos escolhidas e não escolhemos. É toda uma ligação de nudez; aprender a ter um olhar além… (HELENA, filha de Yánsàn, 2017)

> Òrìs̲à é amor! Òrìs̲à é vida! (JESSICA DE SOUZA, filha de Yemọjá, 2017)

> Òrìs̲à é Luz, paz, força. (INGRACIA, filha de Yánsàn, 2017)

Ao perguntar o que são os Òrìs̲às ao Pe. Marcos (padre católico), este subitamente me respondeu: *"Òrìs̲às, são anjos guerreiros da justiça divina. Deixados pelo mistério de Deus"*.

Para Mãe Edneusa: *"Òrìs̲às são mini deuses, que estão entre Deus e a humanidade, deixados por Ele para nos ajudar"*.

Ajibola, um Bàbálórìs̲à Africano que vive no Brasil há muitos anos, nos ensina que a Terra se curva para o céu como ação humana de respeitar. E diz, *"respeitar à vida é ganhar proteção dos Céus [...] É a beleza divina que prospera no futuro da*

humanidade" (2016). Se formos capazes de acessar essa consciência humana, seremos capazes de alcançar o universo.

Parece que as divindades estão a serviço de uma estética da vida: identidade, personalidade e prosperidade.

ÒRÌṢÀ

ÒRÌṢÀ E AS PESSOAS

Numa compressão limitada, imaginava que para entender o que seria um Òrìṣà na vida de uma pessoa, antes, teria que saber qual era seu Òrìṣà? Mas, a pista de Ọ̀sányìn foi outra:

Antes de saber quem é o Òrìṣà, precisa saber o que isso significa em sua vida.

Na dialética da vida, conhecer o Òrìṣà é conhecer sua experiência concreta. Só é possível saber quem é, sabendo como ele se manifesta na vida. Cada experiência se particulariza na individualidade do ser.

As narrativas acima, oferecem um arcabouço dos tesouros da vida de uma pessoa na sua experiência com o Òrìṣà. Òrìṣà é a vida e o sopro que o ser humano precisa. Em minha experiência com o Òrìṣà, tive que limpar a janela de minh'alma, para enxergar melhor o funcionamento do universo e deste comigo dentro. A experiência não me pareceu confortável. Era o encontro comigo mesma. Como um vulcão em erupção, me deparei com minha própria natureza.

Em relação aos Òrìṣà, que receberam de Ọlọ́run o domínio das forças da natureza, estes são os responsáveis por tudo o que existe e acontece na terra (Ayé). Por esse motivo, estão em constante ligação com os seres humanos e são invocados para manter a ordem e o equilíbrio entre esses níveis de existência. Os seres humanos, por sua vez, possuem a tarefa, ou obrigação, de cuidar do seu Òrìṣà e a ele dedicar sacrifícios, oferendas e cuidados especiais.

O santo de cabeça é vivenciado ao mesmo tempo como exterior à pessoa, como uma força externa que se impõe e, como uma força interna que cresce por dentro. Nesse ponto a

maioria dos testemunhos concordam que o Òrìṣà é integrado à estrutura da pessoa como um dos seus elementos, manifestando-se na incorporação. A relação da pessoa com seu Òrìṣà não deve ser interpretada como fusão.

O Òrìṣà sabe tudo da vida do seu filho ou de sua filha, tem conhecimento direto, imediato de seus sentimentos e estados de consciência. Mas o filho só conhece a vontade do seu Òrìṣà pela mediação de mensagens, recados que ele deixa durante a incorporação, através do jogo de búzios ou, às vezes, em sonhos. A comunicação é unilateral, o que significa que a personalidade do Òrìṣà integra aspectos do inconsciente vedados à consciência habitual (BAIRRÃO, 2015).

A voz, portanto, é algo que vem de fora (apresentando-se em função da escuta) e dá corpo ao significante, materializando o Outro. O simbólico só circula no sujeito graças à enunciação (miolo do real) que mantém a língua viva (BAIRRÃO, *et al*. 2014, p. 15).

É o significante encarnado, onde o sujeito é o próprio efeito do significante e ao mesmo tempo é o que anima sua estrutura. Os sistemas simbólicos formalizam saberes de onde o sujeito se enuncia e dos quais anseia por respostas, por outro, o mais íntimo de seu ser jamais poderá ser nomeado.

Buscar os mistérios de nós mesmo é buscar muito. E talvez encontrar a essência divina – seu Òrìṣà, encontrando-o, encontrar-se-á sua parcela divina, a religação, fixação da essência, onde para cada etapa as plantas emprestam seus poderes.

3

Ọ̀sányìn
O Senhor das Folhas, da Ciência e das Ervas

O alquimista das plantas, o que detém o Àṣe que vem das plantas

Ọ̀sányìn em Yorubá, significa: Ọ̀ = aquele que faz, Sàn = curar, Yìn = louvar, aclamar. Em outras palavras Ọ̀sànyìn significa "Aquele que faz curar e louva por isto" (BENISTE, 2014). Conhecido como o grande médico, Ọ̀sányìn é o Òrìṣà que conhece os segredos da cura e o mistério da vida. Especialista no poder curativo das plantas do encantamento apropriado à cada uma delas. Sempre foi aclamado como o Grande Curandeiro.

Assim, como os anjos, Ọ̀sányìn pode lhe oferecer a energia que o humano mais precisar - masculino ou feminino, as duas energias podem-lhes ser vitais. Ọ̀sányìn gosta de passar

despercebido, gosta de fazer surpresas, ele recebeu de Òrúnmìlà[9] o poder sobre as folhas, e sobre as folhas as governam. É a divindade detentora do conhecimento e do domínio sobre as plantas para que exerçam o seu poder sobre nós. É o Òrìsà que rege o amplo reino vegetal. Segue algumas narrativas de como se percebe Òsányìn em diversas Nações Afrobrasileiras.

O ANCIÃO DA NOITE E CURANDEIRO BOTÂNICO

Pode se apresentar com "Ancião da Noite" (porque nasce nas noites em tempos de tempestades, nem tem pai, nem mãe, simplesmente nasceu), "Aquele que vive na árvore" (o oco é sua morada, da seiva mais profunda), "Aquele de uma perna só" (porque em tempos de escravidão, preferiu ficar mutilado que ficar como escravizado). Seu nome tradicional entre os Yorubá Èlésìjé "Rei de Èsìjé", um povo ao norte do território Yorubá, em Kwara, um Estado da Nigéria, onde Òsányìn se tornou rei (AWONIRAN IFAFEMI[10], 2013).

Nascido de ninguém, Òsányìn simplesmente apareceu, surgiu das entranhas da terra, assim como a vegetação. Òsányìn chega às Terras Yorubás por motivos de guerra, foi levado a Nigéria pelos Takuas e os Magines. Nesse tempo, Erinlé o primeiro Òrìsà a ser venerado por suas qualidades de curar e salvar enfermos, visto que chega demonstrando o do-

9 Senhor das adivinhações, Senhor do Ifá (PRANDI, 2001).

10 Disponível em: <http://oduduwaaremu.blogspot.com.br/2015/06/osanyin-o-luwa-ewe-sabemos-o-amplo.html>. Acesso em: 2017.

mínio absoluto das ervas e plantas, Erinlé tem sido visto como o "médico" e Òsányìn o "curandeiro botânico".

A medicina natural que se utilizam de folhas, denomina-se oògùn (remédio, medicamento, encanto, magia). Acredita-se que Òsányìn, nasceu com conhecimento, o entendimento e a sabedoria milenar sobre as ervas e plantas. Trouxe estes "segredos" diretamente do Òrum (céu, firmamento) – vindo do Além, porque ao que se sabe, neste mundo, ele não teve mestre algum. É a primeira geração de divindades da floresta entre ele estão Alaaye, Igba e Oge.

Òsányìn possui muitos nomes - por exemplo, o Òsányìn Elésè Kan, é conhecido fisionomicamente como possuindo apenas uma perna, a direita, que se locomove com rapidez, com saltos e corridas; um braço, o esquerdo, que se move com agilidade e tudo alcança; somente um olho que tudo enxerga; uma orelha extremamente grande, pela qual não escuta absolutamente nada; a outra orelha é muito pequena e tão sensível que capta os menores ruídos, os passos dos insetos, o voar das mariposas e até mesmo a formiga cortar uma folha; uma cabeça desproporcional ao seu corpo, que abriga os maiores segredos do mundo, quando fala, o faz somente o necessário, baixo e fanhoso; fuma tabaco e aprecia o aguardente, dizem que Òsányìn tem o desconcertante costume de aparecer de repente aos andarilhos para pedir-lhes "fogo". Essas imagens de fato, estão bastante associadas no Brasil com o personagem Saci Pererê.

Há muitos tipos de Òsányìn, cada um mais poderoso e conhecedor da medicina botânica. Òsányìn, emite um som peculiar atribuído ao pássaro chamado de òperé (em yorubá = ave) que é representação mítica em sua ferramenta forjada em ferro. Não existe Òsányìn sem òperé, os mitos relatam

que Òsányìn voa a noite montado em seu pássaro. Dentro do Candomblé, Òsányìn é uma das mais importantes divindades (BARROS, 2014).

Ao redor deste Òrìsà giram todas as atividades da iniciação e de consagração a um Òrìsà, seria como dizer "Kò sí Ewé Kò sí Òrìsà" "Sem folhas, sem Orixá", que não há ritos sem os "atributos herbários" de Òsányìn. Este quem purifica cada fragmento tangível, cada tributo, cada objeto a ser utilizado nos ritos de cerimônias de Òsà e Ifá. Sem deixar de mencionar sua capacidade curativa e mágica empregada em outras situações fora das cerimônias sacramentais (AWONIRAN IFAFEMI[11], 2013).

Na narrativa do Bàbálórìsà Ifadiwura de Ifatola, Òsányìn é uma divindade do herbário medicinal, sua importância é primordial e nenhuma cerimônia dentro da filosofia Ifá é realizada sem sua participação. Ele é quem encontra a força, a vitalidade e o poder do desempenho, nenhuma divindade pode passar sem ele. Este poder vive em várias folhas e ervas, o nome destas folhas e ervas e a sua utilização, é o segredo do culto Òrìsà. Cada divindade tem as suas folhas e plantas particulares, o uso de uma, sem a devida permissão, pode ter contraindicações com efeitos nocivos.

A coleta das ervas é feita com extremo cuidado, normalmente em locais selvagens, arbustos ou florestas onde as plantas crescem livremente, as plantas que crescem nos jardins devem ser excluídas, porque a floresta é a casa de Òsányìn.

Os sacerdotes desta Òrìsà acordam muito cedo sem atividade sexual desde o dia anterior e vão para a floresta sem cumprimentar ninguém no seu caminho. O sacerdote oferece

11 Disponível em: <http://oduduwaaremu.blogspot.com.br/2015/06/osanyin-oluwa-ewe-sabemos-o-amplo.html>. Acesso em: 2017.

feitiços para remover as folhas, as raízes, a casca e as frutas e deposita antes de sair da floresta, sua oferta à divindade, incluindo moedas, cachaça, fumo, etc.

Estes sacerdotes conhecem bem as folhas, entre elas observamos que há folhas com virtudes como folha de sorte, felicidade, alegria, fertilidade, fama, flexibilidade, paz, longevidade, coragem, vestuário, corpo, pés, mãos, cabeça, saúde, etc. Mas também há folhas de miséria, febre e outras doenças ainda mais assustadoras. As folhas podem ser usadas para banhos de purificação que se destinam a formar um laço mágico entre a divindade e certos objetos que estão consagrados, incluindo o sangue de um animal específico. O emprego das folhas é fundamental, porque estas folhas são usadas para produzir o pó divino da divindade e receber uma força crescente que cria uma forte ligação de interdependência entre o futuro Ìyàwó e seu Òrìsà.

Òsányìn é o médico, por um mandato divino e tem um profundo conhecimento da botânica e das doenças que afetam os humanos. Ele é a única divindade que pode usar o óleo de farinha de milho para preparar pomadas medicinais. Todas as plantas são atribuídas a esta divindade, devido à base principal do seu papel no sistema planetário.

Existe e persiste o julgamento de que Òsányìn é a divindade da feitiçaria, o bruxo e os seus seguidores procuram o seu apoio contra os seus inimigos em tempos de disputas, desentendimentos e lutas. Isso contribui para uma dupla concepção errada, porque a chave do estilo de vida é viver sem ser atacado e sem atacar, no entanto, independentemente do plano que se inicia para um indivíduo, perde-se o efeito se o poder da justiça é do lado dos indivíduos. Isso porque Òsányìn não é uma divindade agressiva, ele é só uma divindade médica no sistema

planetário e ele é usado para curar e remediar essas dolorosas doenças que a ciência não conseguiu vencer.

O DONO DAS PLANTAS

Òsányìn é o "Dono das Plantas" é um Òrìsà masculino, que representa a castidade do homem, já que esta entidade não teve esposa nem filhos e sim discípulos por sua exclusiva incursão dentro dos segredos da natureza. Òsányìn é uma entidade de muita força, de grande poder e justiça, um grande protetor dos seus filhos contra o mal e as pessoas que cumpram com suas responsabilidades. Aqueles que são vítimas de "feitiçaria" ou "maldades" pelas mãos de seus inimigos, este Òrìsà se converte em um fiel protetor, uma arma potencial para a destruição dos inimigos ocultos e declarados na margem da Justiça.

A representação física desta divindade na África está composto por: Obakere Aboran - uma imagem talhada em madeira; Elegidi ou Aweru - cabaça que está dependurada; Ikoko Ogo - recipiente de barro onde estão acomodados os principais segredos desta entidade; e o Ematon Osun - emblema em ferro forjado constituído por uma haste central, onde está exposto um pássaro, sustentada por uma base da qual se elevam seis outras hastes em forma de leque. Todas estas peças sagradas representam juntos a força de Òsányìn, cada um tem em seu interior uma carga secreta e mágica que faz a interação com este Òrìsà[12].

12 Disponível em: <https://www.oduduwa.com.br/?cont=templo-ossaim>. Acesso em: 2019.

O ASSENTAMENTO DE ÒSÁNYÌN

Além destes atributos, existe o edun-ara – pedra-de-raio e o Opon – tabuleiro para a realização de oferendas. O fundamento de Òsányìn tem uma grande complexidade, requer uma combinação de tantas potências materiais, assim como espirituais e ademais seu culto é muito amplo. Complicado por ser muito antigo, de antigos anciãos, homens e mulheres dedicados por completo a guarda e o controle desta força em potencial. O assentamento de Òsányìn não se descreve somente terras, cascas, raízes, folhas, pedras, minerais, ossos, hastes de ferro e outros; este é muito mais que combinações (AWONIRAN IFAFEMI, 2013).

O FERRO DE ÒSÁNYÌN

Seus principais símbolos são: òpá (ferro com sete hastes e um pássaro, forjado em metal); sèkèrè (maracá); e àdó (pequena cabaça utilizada para a conservação de pós de uso mágico e medicinal). Do ferro de Òsányìn brotam pássaros e é por meio do ferro que a divindade se faz presente - em seu assentamento. Como principal símbolo, é o ferro a matéria -prima central de sua representação material. Como se vê nos candomblés, os ferros são fincados no próprio "assentamento", no "pejí", como são chamados os lugares em que se situam os altares. De acordo com a mitologia, o pássaro é a representação do poder de Òsányìn, o mensageiro que sobrevoa

circundando todo o espaço e depois retorna, e, assentando-se sobre a cabeça de Òsányìn, dá-lhe a conhecer o que sucede. A ferramenta de Òsányìn possui os galhos e ramos de uma árvore. É pássaro e folhagem o lugar onde as pessoas alcançam saúde e equilíbrio, mas também, aquele lugar onde se alcança os segredos da terra, dos cantos, em todos os Seres (SALUM, SOUZA E SILVA, 2005-2006).

ADIVINHO E SENHOR ABSOLUTO DO REINO VEGETAL

Para muitos, grande, poderoso, intransigente, desconfiado e possuidor dos mistérios das ciências médicas. O chamam para revelar o bem ou o mal deificado para o culto. Adivinho e Senhor absoluto do Reino Vegetal, poderia chamá-lo de Divindade da Farmacopeia. Por isso se diz:

> Sem Òsányìn não há medicina natural, não há esperança de cura, não há magia; sem ele não há vida, consequentemente, médico. Ele é botânico por excelência, benfeitor e protetor de todos, que sempre retorna ao nosso encontro, seja no reverdecer das plantas, o germinar de uma semente, o desabrochar de uma flor, o resplandecer de uma árvore, o saborear de um fruto, o degustar de uma raiz e cada vez mais descobrimos uma espécie nova que surge na natureza aos olhos do ser humano. (AWONIRAN IFAFEMI, 2013)

ỌSÁNYÌN, O INTROVERTIDO

Dos vegetais fazemos roupas para vestir, comidas para alimentar, remédios para curar, fogo para aquecer e erguemos casas para abrigar. As folhas embelezam a vida, emprestam sombra, oferecem ar puro. Embrenhado na floresta mora Ọ̀sányìn. Com as folhas convive e com elas se mistura. Já não se sabe mais se Ọ̀sányìn é a folha, ou a folha que é Ọ̀sányìn. Ele tem uma perna só, assim como o tronco das árvores.

Frágil, mas forte; simples, mas poderoso; introvertido, mas reconhecido. Na descrição milenar: "Tem o fígado mais frágil que o de uma mosca, mas é mais forte que uma barra de ferro". Ọ̀sányìn é dual. Dono de todas as folhas, sabe todas as suas manhas. Domina toda a sua arte. Conhece seus elementos, sabe seu sexo. As reconhece pelo odor, cor, textura, paladar. Sabe a lua para colher, o lado certo para pegar e a hora em que estão disponíveis. Ọ̀sányìn as chama pelo nome e elas atendem.

Para conhecer Ọ̀sányìn, é preciso olhar a folha e conseguir enxergá-la. É preciso tocar a folha e conseguir senti-la. Ọ̀sányìn não gosta de visitas. O mateiro que adentra a floresta; antes, deve lhe pedir licença. Quem arranca uma folha; antes, deve lhe pedir licença. Sem a folha nada se faz. No ritual das folhas, o Sàsányìn, Ọ̀sányìn é invocado. Ele encanta as folhas. A folha não é mais folha, é remédio. Ọ̀sányìn não é mais Ọ̀sányìn, é a cura. *Ewé, o!* (Oh, a Folha!)

UMA LENDA DE ÒSÁNYÌN

Òsányìn numa de suas lendas mais queridas narradas por Prandi (2001) apresentou-o assim:

> Òsányìn filho de Nàná e irmão de Òsùmàrè, Yèwá e Obalúayé, era o senhor das folhas, da ciência e das ervas, o Òrìsà que conhece o segredo da cura e o mistério da vida. Todos os Òrìsàs recorriam a ele para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo. Todos dependiam de Òsányìn na luta contra a doença e todos ainda iam em sua casa oferecer seus sacrifícios, em troca ele lhes dava preparados mágicos: banhos, chás, infusões, pomadas, àgbo, beberagens. Curava as dores, as feridas, os sangramentos, as disenterias, os inchaços, as fraturas, curava as pestes, febres, órgãos corrompidos, limpava a pele purulenta e o sangue pisado, limpava o corpo de todos os males. Um dia Sàngó, o deus da justiça, julgou que todos os Òrìsàs deveriam compartilhar o poder de Òsányìn conhecendo o segredo das ervas e dom da cura. Sàngó sentenciou que Òsányìn dividisse suas folhas com os outros Òrìsàs, mas, ele negou-se e, Sàngó então ordenou que Yánsàn soltasse os ventos e trouxesse ao seu palácio todas as folhas das matas de Òsányìn para que fossem distribuídos aos Òrìsàs. Yánsàn fez o que Sàngó determinou. Gerou um furacão que derrubou as folhas das plantas e as arrastou pelo ar em direção ao palácio de Sàngó. Òsányìn percebeu o que estava acontecendo e gritou: "Ewè Osà!" "As folhas funcionam!" Òsányìn ordenou às folhas que voltassem às suas matas e as folhas obedeceram às ordens de Òsányìn. Quase todas as folhas retornaram para ele, mas, as que já estavam no poder de Sàngó perderam o

axé, perderam o poder de cura. Ocorre que Sàngó como um justo Òrìṣà, admitiu a vitória de Òsányìn, entendeu que o poder das folhas devia ser exclusivo de Òsanyìn que assim devia permanecer através dos séculos. Òsányìn, contudo, resolveu dar uma folha a cada Òrìṣà, deu uma ewé para cada um deles. Cada folha com seu àṣe e seu ofò, que são as cantigas de encantamentos, sem os quais as folhas não funcionam. Òsányìn distribuiu as folhas para que nenhum deles o invejassem. Eles também podiam fazer proezas com as ervas, mas, os segredos mais profundos ele guardou para si. Òsányìn não revela seus segredos para ninguém, nem mesmo fala, fala por meio de seu acompanhante Àrọnì. Os Òrìṣàs ficaram gratos e o reverenciam quando usam as folhas. Por isso, se diz: "Kò sí ewé, kò sí Òrìṣà!" "Sem folhas não tem Orixás!".

ÒSÁNYÌN NO CANDOMBLÉ DO SERTÃO

Para os Povos de Terreiro as folhas são fundamentais para sua existência. Os saberes que norteiam sua ciência estão inseridas em contextos terapêuticos, ritualísticos e curativos que não se esgotam aí, constitui-se como um acervo importante de memórias e identidades coletivas. A penetração no mundo das plantas, acontece em três níveis de significados: língua, ritos e cantos. A língua utilizada nos rituais, embora nem sempre se compreende a sua tradução literal, os praticantes conhecem os sentidos, a utilidade e sua denominação sacra. Muitos cantos e plantas de Òsányìn são grafados em yorubá, principal fonte de compreensão dos rituais, tanto para a saúde quanto para os aspectos mágicos. Os cantos são encan-

tamentos que trazem às plantas seu poder curativo. “Sem isso, para nada serve!” (Escutei isso!).

Para Mãe Terezinha do Terreiro Centro de Ogum, situado em Senhor do Bonfim, região do semiárido da Bahia, compreende Òsányìn como a ‘Senhora das Folhas’,

Senhora das Folhas

> Senhora das folhas. Cultuo sim! Eu tenho uma quartinha dela, inclusive eu tenho que fazer um assentamentozinho dela aí no meio dessas plantas, que Òsányìn é das matas. Eu vou fazer o assentamento. É a dona das folhas, das ervas, da cura, quem nos dá a permissão para que a gente entre numa mata. Para pegar uma folha você tem que pedir licença a Ela.

É comum em muitas casas de Candomblé a inferência a Òsányìn como um arquétipo feminino. Por causa de seus atributos de cura e cuidados. O feminino de Òsányìn acontece em sua potência entre o feminino e masculino. “Lindo não é ver a semente. Lindo é ver a semente junto à água”, disse alguém no meio do nada.

Para Pai Roni do Terreiro Onzó Aweto Mutalambó – Tatamutalazu, filho de Òsóòsi de Nação Angola, conhece Òsányìn assim:

Katendé detém o segredo das Isabas

> Nas minhas águas é Katendé. Òsányìn é do Ketu, nas minhas águas é Katendé. E Katendé tem o segredo das Isabas, que são as folhas. As folhas curam. Você pega certo tipo

de folha que servem pra descarrego, pra afastar os olhados, as invejas, as perseguições, as radiações, as cargas negativas, que são os banhos de descarrego, como tem os banhos de amassi, onde você fortalece seu anjo de guarda. E tem folha que serve pra tudo. Hoje, você vai na farmácia e compra ali um remédio e não sabe que ele é extraído da folha. É o segredo das isabas de Katendé, que se chama Ossaim. Ele sabe de todo segredo.

Pai Guilherme de Sàngó do Terreiro Ylê Axé Ogodojê - Okatispero, apresenta Òsányìn assim:

Todas as Folhas são de Òsányìn

Ossaym é o Orixá dono das folhas, das Isabas no Angola, na nossa Nação Jeje se chama Omã, que quer dizer folha. Como Issaba no Angola é folha também. Aí o angola diz: "o Ketu não tem folha, porque não tem Katendê". Mas o Ketu diz: "sim, mas nós temos Ossaim, que é o mesmo Orixá". Na realidade só muda porque todas as folhas em si são de Ossaim e ela ou emprestou ou deu o Oxibatá para Oxalá, o Birreiro para Xangô, e a cada Orixá ela deu, sabendo que ela é quem comanda. Então, vamos dizer, o livro é meu eu te empresto, na hora que eu quiser tu me dá. Ossaim é o mesmo Katendê, só muda de nome, mas que tem o mesmo respeito, aliás é um dos Orixás que se deve ser mais respeitado, porque na esteira que nós deitamos, que é Abiciça, acho que é no Angola, na nossa é Aimim. A Aimim que nós deitamos é feita da folha. O chá que nós bebemos, o banho que nós tomamos, a folha que nós comemos outras e outros

> fundamentos que eu não posso falar é a folha. Na minha Nação quando se canta para Ossaim todos nós batemos a cabeça. Quando se canta para Angorô, mesmo que esteja no Angola, eu bato a minha cabeça. Tô saudando aquele Orixá que na minha Nação é Becém, é a água que nós bebemos.

Para a Ìyálórìs̩à Idjemim, conhecida como Mãe Edneusa do Abassà da Deusa Òs̩ùn em Paulo Afonso - Bahia, Terreiro de Candomblé do qual sou Ìyá Kékeré, ao tratar sobre os mistérios de Òsányìn revela:

Òsányìn é um Mistério

> Mistérios são sagrados guardados pelos Orixás, somente os merecedores podem possuir o conhecimento. Por exemplo, os fundamentos do Candomblé são segredos guardados, conhece quem se aprofunda e busca merecer. Segredos são sagrados para entender o mistério da vida que estão contidos na consciência da alma. É a ciência contida na vida para orientar o fluxo da existência Divina. Para mim Òsányìn é esse mistério. Ela pode se apresentar como ela quiser, na minha casa Òsányìn é Òrìs̩à masculino. Òsányìn me deu um ensinamento para revelar a uma filha de santo minha que é minha Ìyá Kékeré, disse: "Diga a ela que já não é mais do jeito dela!" Quem comanda a vida dela agora é Òsányìn. Nós temos aqui nosso pequeno espaço de cultivar as ervas, tanto para a Jurema como para o Candomblé, Òsányìn é o Òrìs̩à das plantas. Usamos elas para os banhos, as curas, as rezas. As folhas possuem grande poder, para mim ela é a mesma Caipora. Ela é a própria Caipora e pode se trans-

> formar em tudo que ela queira, não que eu ache ela seja metá-metá, como dizem. Como Encantado ele se apresenta do jeito que ele quiser e do jeito que ele queira enfeitiçar alguém usa suas técnicas, seus conhecimentos para fazer o que ela quiser fazer naquele momento. É um Òrìṣà que tem que ser muito respeitado. Quando você vai nas matas, as matas tem vários donos a Ọ̀sányìn é deles, e se você tiver o respeito é garantido que vocês saia dali bem sem se perder, com a força que você precisa, se você entra naquele ambiente e você respeita, não tem como sofrer ali.

No Candomblé Jeje, Ọ̀sányìn é chamado de Agué, é o Vodun da caça e das florestas e conhece os segredos das folhas. No Candomblé Bantu é conhecido como Katendé ou Mene Panzu, Senhor das insabas (folhas), comanda as folhas medicinais e litúrgicas, chamadas de folhas sagradas, muitas vezes representado por uma perna só. Ọ̀sányìn guarda os segredos das folhas.

Folha em Kimbundu significa kisaba, em seu plural = Isaba, em Kikongo folha é ekaia e, no seu plural = makaiá. A folha é a pureza, é a presença física dos Nkisses no mundo. "Quando nasce no chão um pé de folha se renova os votos de presença dos `Nkisses nas nossas vidas". É por isso, que o povo do Àṣe tem que ter cuidado em preservar as folhas.

Cantiga de Òsányìn

Katendé em ganga n'guruzù, | Katendé em Zambi por amor
Katendé em ganga n'guruzù, | Katendé em Zambi por amor

4

A Farmacopeia de Òsányìn nos Terreiros de Candomblé e Umbanda no Sertão

"O segredo é não correr atrás das borboletas. É cuidar do jardim para que elas venham até você." (Mário Quintana)

São as plantas medicinais a maior fonte de cura. O caráter religioso propiciado a elas, envolve um arcabouço de tradicões decorrentes da herança africana e indígena, formando uma das farmacopeias mais ricas da etnomedicina. Em suas vertentes tradicional ritualísticas, entre a realidade da terra (Ayé) e do mundo dos Orixás (Òrum), muitos Ìyálórìsàs e Bàbálórìsàs, Benzedeiros, Raizeiros, Zeladores, etc., estudam a importância e os princípios bioativos dos vegetais, aprendendo a decodificar os segredos das folhas.

O conhecimento das potencialidades das ervas, pode ser encarado como um processo de resistência dos escravos

à dominação de seus senhores. Pode-se avaliar a importância de Òsányìn dentro de todo o sistema dos Povos de Terreiro. Onde inúmeras plantas para fins medicinais e ritualísticos fazem parte dessa tradição, numa grandeza de 'biodiversidade de quintal' impressionante. Muitas dessas plantas encontram-se registradas no Ministério da Saúde no livro da Farmacopeia Brasileira, para fins comerciais e medicinais, cerca de 600 drogas vegetais e aproximadamente 1.000 espécies que possuem a validação de suas atividades biológicas e de seus princípios bioativos avaliados cientificamente (BRASIL, 2010). Todavia, segundo Almeida (2011), isto não representa nem 10% da farmacopeia brasileira pesquisada.

Desde a antiguidade do noroeste da Europa, passando pela África setentrional, no Vale do Rio Nilo, a Ásia Ocidental às regiões dos Rios Tigres e Eufrates, a ideia da fitoterapia está ligada a magia e é vista concomitantemente, como "um presente dos deuses" que permite aos humanos vencerem os poderes maléficos da terra (ALMEIDA, 2011).

A herança africana influenciou veemente e medicina popular brasileira, e o consumo de espécies vegetais através dos terreiros tradicionais afrobrasileiros absorveram um conhecimento étnico, botânico e médico dos mais diversos e amplos. Desde banhos, infusões, ebòs, limpezas espirituais e corporais aos ritualísticos. Esses conhecimentos transmitidos, principalmente pela oralidade, estão associados com as práticas de curas naturais, através de raízes, folhas, frutos, grãos, de árvores de várias representações simbólicas.

Segundo Almeida (2011), Òrúnmìlà e Ósányìn, nas tradições, foram os primeiros a conhecerem e curarem as pessoas com plantas medicinais nas terras Yorubá. Acredita-

se que seus seguidores divulgaram as maravilhas das ervas e dos tratamentos medicinais tradicionais pelo mundo afora, de geração em geração.

> As plantas são a riqueza que Deus deixou no mundo pra gente usar, e cada uma é boa pra tudo. (Mãe Neta, Ìyálórìṣà Oledeji do Terreiro de Ogum, 2018)

> Cada alimento vindo das plantas, produz uma forte relação energética com os Òrìṣàs que ajuda a curar. (Geane, Zeladora de Umbanda, 2018)

A tradição dos Terreiros de Candomblé e Umbanda, carregam em si a tradição Yorubana, onde as "Limpezas", "Ebòs de Saúde", "Sacudimentos", "Banhos de Àgbo", "Ebòorí", etc., fazem parte do cotidiano e da ideia de saúde dos Povos Tradicionais de Terreiros. Num diagnóstico sobre a saúde de uma pessoa, os oráculos/búzios, ou uma entidade espiritual, normalmente, apontam os problemas e a solução ofertada no uso de alguma planta.

Então, o conceito de saúde e doença está associado a identidade própria do indivíduo, no que se refere principalmente às situações de vulnerabilidades e desequilíbrios que uma pessoa se encontra. Para tanto, a busca incessante pela saúde passa pela concepção de ajustes da vida em todas as dimensões: desde as relações humanas até às interações com os sistemas da natureza. O remédio, portanto, passa por limpezas e cuidados espirituais onde são invocados Òrìṣàs e N`kisses que ajudam as pessoas, e onde o próprio indivíduo é protagonista de sua própria cura, cujo arquéti-

po associado, corrobora para a solução dos problemas sociais, emocionais e/ou ancestrais.

Doenças e Arquétipos	
Gripes, varíolas, catapora, rubéola, sarampo, coqueluche, caxumba	Obalúayé / Omolu
Vitiligo	Òsùmàrè
Erisipela	Nàná, Òsùmàrè, Obalúayé
Doenças venéreas femininas, regras menstruais, aborto, infertilidade, doenças de barriga, doenças ligadas a feminilidade e maternidade, doenças de crianças, obesidade, etc.	Yemojá e Òsún
Impotência e a fertilidade masculina	Sàngó e Èsù
Distúrbios respiratórios e problemas de visão	Yánsàn e Òsún
Distúrbios emocionais, doenças de cabeça, loucura, magrezas, Aids, etc.	Òsóòsi e Òsányìn
Os males do fígado, vesícula, úlceras, enxaquecas	Òsóòsi, Lógunède
Sistemas circulatórios e cardiovasculares, inchaços, reumatismos e artrites	Òsàlá, Nàná, Yemojá

A etnofarmacologia dos Povos Tradicionais de Terreiros, está associada a experiências em plantas medicinais transmitidas através da oralidade e acumuladas numa forte relação ancestral com tradições do fluxo e refluxo África-Brasil-África. Segundo Almeida, algumas sementes e folhas utilizadas nesta farmacopeia curativa de terreiros, como: Obì (*Cola acuminata* Schott e Endl.), da família Sterculiaceae; Òròbo (*Garcinia cola* Heckel), família Guttiferae; Fava de Àrìdan (*Tetrapleura tetraptera* Taub), família Leguminosae; e Akòko (*Newbouldia leavis* Seem), família Bignoniaceae, são plantas, que mantêm seus nomes em Yorubá, presentes na cura do corpo e da alma usada em toda ritualidade através dos usos das folhas, raízes, frutos, sementes, etc. (CAMARGO, 2014).

Os caminhos místicos usados na cura, são demasiadamente utilizados desde os tempos imemoriais. Quer seja na cidade ou no campo, não há um terreiro tradicional que não possua em seu quintal, porta, monturo, roça, cantinho, etc., que deixe de cultivar uma plantinha medicinal.

> Ela faz parte de nossa honra e àse, numa Casa de candomblé não pode deixar de existir. (Bàbálórìṣà Dão, 2017)

> Tenho de tudo um pouquinho, o que se diz que faz bem para a saúde arranjo e planto. (Mãe Neta, 2018)

Faz parte da cultura tradicional de terreiro, o cultivo ou uso farmacológico ou botânico. Mãe Neta cita alguns que fazem parte de sua farmacopeia como: alecrim, arruda, melissa, comigo-ninguém-pode, manjericão, alfavaca, pimenta, babosa, mastruz, pião roxo, endro, hortelã, boldo, malva grossa,

espada de São Jorge, aroeira, akòko, etc., a manipulação se dá de diferentes formas, quer seja como temperos, chás, infusões, banhos, proteção ou rezas.

O Povo de Terreiro compreende as plantas como sacralizadas, devido aos usos terapêuticos/espirituais e, as compõem num conjunto ritualístico de elementos materiais e imateriais cujas representações simbólicas codificadas e interpretadas estão vinculadas às divindades, mais precisamente aos Òrìs̩às, Caboclos e Pretos Velhos.

> Embora no começo de tudo, todas as plantas pertencessem a Òsányìn, depois, cada Òrìs̩à pôde ter o domínio de uma folha sagrada, atribuindo a elas suas marcas, mas, todas as propriedades e usos foram ensinados por Òsányìn. (Mãe Edneusa, 2018)

Ocorre que neste universo das plantas sagradas dos Povos de Terreiros, a influência africana, indígena e europeia tomou parte da farmacopeia. A cada ritualidade, a herança marcada nos cultos é desenvolvida a partir da nação de origem ancestral, marcadas numa transmissão de vivências e oralidades: Angola, Ketu, Jeje, Banto, Congo, Nagô, etc. Essa identidade étnica consiste num modo particular de cultos e preparos medicinais próprios, cujos aprendizados também são indicados por processos mediúnicos, onde os espíritos na incorporação como caboclos, pretos velhos, Òrìs̩às, ensinam sobre os usos e serventias.

No sistema de utilização das plantas, essas curam tudo, desde as proteções supersticiosas como a inveja, até as que curam doenças mais graves. A Ìyálórìs̩à Idjemim aponta algumas dessas:

Comigo-ninguém-pode Espada de São Jorge Arruda Guiné Pimenteira	Contra inveja e ambição
Coroa de frade e outros cactos Bambu Jasmim Árvore da felicidade Babosa	Afastar negatividade e atrair prosperidade
Alecrim Manjericão Alfavaca Lírio da paz Flor da fortuna ou Kalanchoe	Para Proteção

A infinidade de plantas para ajudar na proteção, descarrego, purificação e energização, são cultivadas em casa. Para o preparo dos banhos, Ìyálórìsà Idjemim infere:

> Os banhos não devem ser feitos nas horas abertas do dia (06 horas, 12 horas ou meio-dia, 18 horas e 24 horas ou meia-noite), pois as horas abertas são horas "livres" onde todo o tipo de energia "corre". Não se enxugar, esfregando a toalha no corpo, apenas, retire o excesso de umidade, já que o esfregar cria cargas elétricas (estática) que podem anular parte ou todo o banho.

Ìyálórìsà Idjemim, ainda ensina:

> Ao adentrar numa mata para colher ervas ou mesmo num jardim é necessário saudar sempre Òsányìn, que é o senhor absoluto de todas as folhas sagradas. Ele é responsável pelas folhas e antes de colher as ervas, têm-se que tocar levemente a terra, para descarregar as mãos de qualquer carga negativa, que é levada para o solo, bater o pa ow ó, o dar adobá e pedir permissão a Òsányìn; Não se deve utilizar ferramentas metálicas para colher, deve-se de preferência usar as próprias mãos, já que o metal faz com que diminua o poder energético das ervas; Os banhos ritualísticos devem ser feitos com ervas frescas.

O fato de serem utilizadas as ervas frescas para um Ebòorí, por exemplo, está relacionada como o Prana - energia orgânica que compõe as correntes do corpo contido nelas, que se mantém no efeito do banho.

No preparo de um amassi, numa receita, há sempre recomendações de alguma planta e a sua serventia, veja algumas citadas pelos Bàbálórìsàs e Ìyálórìsàs do Sertão:

- Erva de Santa Maria - Atrai amor, bons amigos e limpeza de ambiente;
- Arruda - Defesa contra a inveja e quebra de demanda;
- Guiné - Descarrego, defesa (problemas mais difíceis) e abrir espaço nos negócios;
- Alecrim - Estimulante espiritual, para levantar o astral e limpeza;
- Manjericão - Para stress, calmante;
- Louro - Para aumentar a concentração na capacidade de trabalho;

- Hortelã - Desenrolar problemas leves;
- Espada de São Jorge - Descarrego de Santo;
- Espada de Iansã - Descarrego de Santa (Entidades Femininas);
- Levante - Abrir caminhos para grandes negócios;
- Tapete de Òs̩àlá - Abrir caminhos, limpar caminhos e afastar negatividade;
- Espinheira Santa - Para stress, calmante;
- Folha da casca de Jurema - Descarrego mais forte, mais pesado, para cargas maiores e de muito tempo;
- Abritua - Para aumento da concentração e atenção, para "Mãe" do corpo acordar;
- Cáscara Sagrada (raiz) - Firmeza no caminho (Chão);
- Alfazema - Para stress, limpeza e calmante;
- Casca de Romã - Aumenta a defesa espiritual, equilibra os desequilibrados;
- Aniz Estrelado - Para quebrar insônia, relaxante, descanso do Espírito;
- Folha de Goiaba - Desenrolar problemas difíceis;
- Folha de Pitanga - Desembaraçar caminhos atrapalhados, limpeza;
- Folha de Manga - Para pessoas que têm muitos problemas juntos e enrolados;
- Asa-peixe - Limpeza Espiritual;
- Cavalinha - Aumenta a sexualidade;
- Cidreira - Desestressante;
- Mel e cravo - Aumenta a sexualidade (atrativo);
- Samambaia - Defesa;
- Sene - Para aumentar a autoestima;
- Sálvia - Aumento da capacidade mental.

As rezas, palavras e gestos fazem parte do campo de atuação dos Povos de Terreiros que visando desativar algum mal ocasionado, também, alavanca a saúde desejada, nos cuidados de uma pessoa. "Tem doenças que só reza cura" (Cacique Neide Truká-Tupan, 2018). A forte influência no conhecimento tradicional das plantas pelos Povos de Terreiros, são práticas e poderes vivenciados pelos Povos Indígenas. No Sertão do Nordeste Brasileiro, mais precisamente no Sertão do Rio São Francisco, a relação instituída entre os Povos Tradicionais no uso das ervas medicinais, possui fortes semelhanças.

A alma da vida do vegetal não é um corpo é um organismo vivificado, a ordem vital das sensações produzidas pela árvore, ou pela luz solar, os sentidos permanecem passivos depois de recebê-los.

Não importa se é sangue vermelho dos bichos ou se é o sangue verde das plantas, na farmacopeia de Òsányìn, as plantas possuem vida tanto quanto os bichos.

As plantas, imprescindíveis à vida e ao culto aos Òrìsàs, são utilizadas como recurso litúrgico, mágico e medicinal. Como guardião do àse da flora e seu patrono: cabe a este Òrìsà efetivar o poder das plantas ou não e, por este motivo, sempre que se colhe uma planta, deve-se invocá-lo para que preserve a essência vital do elemento colhido.

Narra o mito que Òsányìn perdeu uma perna e teve a capacidade da fala alterada após uma briga com Èsù: por isso, como as plantas, tem apenas uma perna e fala como se estivesse assobiando. Apenas os Olosányìn, seus sacerdotes, são capazes de entender o que diz. Estes sacerdotes são ma-

gos capazes de manipular as forças do Òrìṣà presentes nas folhas. Ọ̀sányìn, muito rápido na solução de problemas, é um curandeiro hábil que aplaca sofrimentos, podendo proporcionar às pessoas tudo o que deseja. Seus iniciados adquirem poder para manipular folhas.

A palavra folha designa elementos de todo o reino vegetal, como folhas, sementes, raízes, seivas e cascas de árvores. Toda pessoa que lida sempre com esse reino está diariamente em contato com Ọ̀sányìn, que pode proporcionar a possibilidade de realizar jogos divinatórios manipulados magicamente, caminho distinto do utilizado por Ifá, que possibilita adivinhar pela interpretação de odùs.

Em um dos mitos sobre a relação da medicina e a magia que envolve as curas são explicadas. Contam que:

> *Ifá* foi consultado por *Sacrifício* filho de Ọ̀rúnmìlà, e por *Remédio*, filho de Ọ̀sányìn. Queriam saber qual de seus pais era o mais velho. *Ifá* decidiu por Ọ̀rúnmìlà. O rei Ajalaiè, que também foi consultado, resolveu testar o poder dos dois contendores. Mandou que ambos trouxessem os seus filhos mais velhos, decidindo que eles seriam enterrados durante sete dias. O que sobrevivesse daria senioridade ao pai e demonstraria ser o mais poderoso. O que falhasse, não mantendo o filho vivo, demonstraria publicamente que o que alardeava não era verdadeiro. Ọ̀sányìn trouxe *Remédio* e Ọ̀rúnmìlà trouxe seu filho mais velho chamado *Oferenda*. Um buraco foi cavado e os dois foram enterrados. Ọ̀rúnmìlà consultou *Ifá*, que lhes prescreveu uma série de rituais, cumprindo com precisão. Ọ̀sányìn entregou a *Remédio* muitos feitiços, almejando que ele fosse vitorioso. Um coelho que havia sido

> prescrito por *Ifá*, levava secretamente mantimentos para *Oferenda*, enquanto *Remédio* cada dia ficava mais fraco. O filho de Òsányìn então resolveu entra em contato com o de Òrúnmìlà e ambos fizeram um pacto. *Oferenda* daria a ele alimento e, *Remédio* daria a *Oferenda* primazia na resposta quando fossem chamados. E assim sucedeu. No dia final, foi constatado que *Oferenda* tinha mais poder que *Remédio*, e que um pacto entre os dois os tornaria imbatíveis.

Para os que pretendem alcançar a cura, é muito importante perceber que os remédios são essenciais, mas, a postura religiosa jamais deve ser esquecida. Os dois nunca devem ser pensados separadamente, pois quando conjugados, alcança o objetivo pretendido, a saúde.

5
Os Segredos e Mistérios de Òsányìn

Segredos são sagrados contidos na existência divina.
(Ìyálórìṣà Idjemim, 2018)

Se são segredos, são sagrados guardados na cabaça da existência. Somente Òsányìn conhece e sabe as palavras que despertam seu poder e sua força. O seu reino é no sangue verde da vida. Desvelar o sentido dos mistérios é uma questão de ser, simplesmente, um amoroso buscador de sabedorias.

Com Òsányìn está a posse dos mistérios das folhas, mas, será que se pode ao menos lhes pedir emprestado o estímulo das folhas? Com Òsányìn se pode buscar o conhecimento da raiz mais profunda da existência, desde as mais profundas dores até as mais frenéticas felicidades. Essa raiz é a mais profunda realidade. É o grotesco, é o amargo da clarividência da

existência. É o olho nu da verdade. É o desvelar da ilusão. É a cura do corpo, da alma e do espírito. É tocar na ferida mais dolorosa e dela, supurar a vida.

E só é possível desvelar o que realmente é nossa própria obra, o que for obra alheia, não nos é permitido. Não são sabedorias sobrenaturais, são experiências da simplicidade da vida. Òsányìn empresta essa noção, com duas palavras: "é simples a perfeição"!

Desvelar os mistérios de Òsányìn é simplesmente, desvelar o amor dos mistérios das sensações - reconhecer aquilo que está por dentro; desvelar os mistérios da causalidade - as causas e os efeitos do sentido do mundo, talvez, uma resposta ao adoecimento da vida, às dificuldades.

No alto dessas sensações, poderíamos aprender com os animais e as plantas a sabedoria de suas memórias. Perceber esses instintos da perfeição da fauna e da flora é uma questão de apercepção. No alto das sensações, ainda poderíamos aprender com a representação daquilo que nos permite perceber o que há de mais profundo, percepcionando sensações que considerarmos mais insignificantes.

Tudo aquilo que nos parece estranho, é o começo para percebermos na ciência, a capacidade de descortinar a causa suprema. O sentido dessas sensações são como sentimentos, constantemente produzidos. De fato, é algo misterioso. É estranho! É absurdo!

Uma possibilidade para alcançar o mistério é se libertar do aprisionamento da consciência. Ouvi dizer:

Quando deixamos de mentir,
os sentidos internos tornam-se maiores.

O mistério aumenta quanto mais difícil for explicar a aparência das representações que neles se encontram. De fato, para negar o que é claro do que está nele, seria melhor substituir o mistério pelo absurdo. O mistério é nada mais que acessar a realidade e o absurdo. O antecedente dessas indagações é o próprio mistério e o consequente é o absurdo.

Em sendo o mistério um absurdo, todo absurdo é um mistério. Nesta negação da negação, a tautologia proposicional me levaria ao r*eduction ad absurdum*, que Aristóteles na filosofia compreendera, como prova por contradição. Se o não mistério é absurdo, logo o mistério não é absurdo.

O hábito adquirido é diferente da sabedoria, daí porque teríamos que nos perguntar: o que é superior ao conhecimento humano propriamente dito? Aquilo que dá o equilíbrio e que faz a vida fluir?!

Como bruxo que aconselha, o sábio que ensina, o guerreiro que alerta, Òsányìn pode se apresentar como profeta e feiticeiro, como médico ou guerreiro e produzir prodígios pela simples aplicação de princípios ativos e passivos. Revela todas as almas e espíritos que habitam nas folhas, invocando e (en) cantando suas inteligências e potências para curar ou matar.

Ouvi dizer numa voz sobre Òsányìn:

> Òsányìn não é paciente, nem bondoso quando está aguerrido contra a fúria e a doença dos que não tem fé, mas, pode ser paciente e bondoso se encantado pela beleza e pelo amor!

Ouvi ainda de outro enunciado:

[...] "as flores desabrocham e, enquanto existir vida eu cuido!"

Nesta generosidade de Òsányìn, é possível pedir-lhe emprestado a cabeça de segredos e dela conhecer os seus mistérios, se quisermos cuidar da vida. E afirma assim:

> Se procurar entender as palavras e perceber os seus significados, então, terás nos mistérios os meus segredos!

Mas, o segredo não é a chave para resolver os problemas, é a fonte dos problemas, é a causa das distorções para entender a vida e a realidade. Desvelar os segredos dos mistérios de Òsányìn é como se antenar ao fio da vida, conecta a pessoa com o meio, para se restabelecer o equilíbrio. Como mistérios, as palavras do absurdo soam como ensinamentos de sabedoria.

Apresento os mistérios como ouvi dizer, o discorrer das interpretações já condiz com uma liberdade, que só é possível com a busca incessante da harmonia com a vida, onde se preserva o bem viver. Os elementos constitutivos desta harmonia estão intrinsecamente relacionados com a farmacopeia de Òsányìn.

Mãe Estela de Òsóósi, ao transmitir sua experiência no livro *O que as folhas cantam (para quem canta folhas)* pode deferir experiências particulares do culto 'secreto', por necessidades contemporâneas, para apresentar ao mundo a construção de sua experiência no sonho de Òsányìn. Sua obra demonstrou que na experiência com o Òrisà uma visão integral das plantas sagradas do Candomblé, todo e qualquer escrito, é um serviço de inspiração e guia, para orientar e curar aos que com fé buscam nas plantas sua encantaria (SANTOS, 2014).

Que os mistérios de Òsányìn nos toque, para que com fé alcancemos a cura, seu amor e sua caridade. Abaixo alguns dos mistérios ritmados no embalo dos sonhos, dos odores, das plantas:

1º Mistério - Falar pouco e enxergar apenas o necessário (Rín-rín)

A folha que tranquiliza o olhar e desperta a visão física e extrafísica. Como amiga dos videntes, amplia a visão e impede que se veja aquilo que não é necessário. É precaução, se preserva de sofrimentos.

A força que está em jogo é a palavra. A experiência da linguagem através do qual o humano se constitui como ser que fala, fez com que seu universo se tornasse improvisadamente significativo e, portanto, acelerou o ritmo do desenvolvimento do conhecimento (AGAMBEN, 2011). Mas, é na linguagem que o ser humano pôs em jogo a sua própria natureza. Quem fala assume a língua em um ato concreto de discurso. Como diz Agamben, somente o ser humano, diferente dos outros animais, pode bendizer e maldizer, jurar e perjurar. Portanto, a palavra é sacra e é poder.

Nas culturas tradicionais africanas, o dever dos iniciados é ficar do lado dos mais velhos, os ouvindo, aprofundando os ensinamentos recebidos, até se tornar um mestre para devolver a comunidade a sabedoria aprendida, mas, mesmo como mestres, nunca sai de perto dos mais velhos e continua aprendendo. A tradição oral, valoriza a palavra, considerado o sopro que

Ilustração 1: Alfavaca ou quiôiô (Rín-rín) a erva de Ewá.
(PEREGRINO, 2019)

transforma as possibilidades em realidades, que potencializa as energias do pensamento, e por isso, o iniciado aprende a falar pouco (SANTOS, 2014). A transmissão oral nas sociedades tradicionais é o fio condutor entre gerações e cultura.

É necessário certo grau de cegueira para poder enxergar determinadas coisas, talvez assim, seja possível recuperar melhor nossa própria visão. Os raios luminosos do sistema visual, explorada por cada pessoa ocorre de diferentes maneiras. Na obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago (2008), a primeira percepção, como algo que representa a interpretação e atribuição de sentido que se dá ao que os órgãos sensoriais apreendem inicialmente, é a visão. E como "um sexto sentido,

uma espécie de visão sem olhos", dar fé de tudo que se passa. Saramago (2008, p. 310), demonstra que não somos cegos, ficamos cegos, "cegos que veem e cegos que, vendo, não veem". A metáfora final é o processo de saída do individualismo para ver o outro, como semelhante, e o Outro como instância anterior e exterior ao sujeito, mas não obstante o determina.

Como situar a responsabilidade do sujeito no mundo moderno? Até que ponto, a internalização da Lei simbólica, é condição para que a lei seja respeitada não como capricho do Outro, mas, como necessidade de agir com precaução e limite, sem os quais seríamos muito mais felizes, porém não duraríamos o suficiente para usufruir da felicidade? A condição humana é marcada, assim, por uma dissimetria estrutural e por uma dívida simbólica que se estabelece com o Outro, e cuja consequência seria a constituição do sujeito como desejante. A internalização dos limites livra a pessoa de sua dívida para com o Outro e, portanto, o torna humanizador.

Enxergar o necessário como ouvi dizer:

> É combater um poder baseado na vontade arbitrária e absoluta. Interiorizar a voz do silêncio para ampliar a visão e, exteriorizar a voz da alma somente o que for necessário. Deixar a conversa inútil, pensar duas vezes antes de abrir a boca para falar, é, também, um atributo de sabedoria.

2º Mistério - Cantar para desencantar feitiço
(Àpalá, Igbá)

Símbolo da grande unidade universal para os africanos, a cabaça de pescoço, representa o universo dos primórdios dos tempos, quando Òrum (Céu) e o Ayé (Terra) ainda estavam ligados. Como vasilha de uso ritualístico, a cabaça vira cuia, pode ser usada como amplificador acústico, mas, é dela que se faz feitiço de bem-estar.

De onde vem o canto e para que serve? O canto de Òsányìn faz soar o bravio dos pássaros e o encantamento das Ìyámis, são combinações harmônicas na encantaria das folhas, onde os cinco elementos elevam a energia vital. Seu dançar evoca o balanço das folhas que bailam com o vento suave da aurora, para ritmar mais forte, com os sons dos mestres dos dias e das noites. O canto de Òsányìn realiza a encantaria das folhas, que emprestam seus princípios ativos e passivos para curar.

O som da Criação é chamado de palavra porque carrega a Luz primordial de Deus e essa luz mantém a consciência em sua forma primitiva. A luz gera padrões geométricos e, padrões geométricos criam som. A consequência do Primal Mer Ka Ba gerando uma curva de Fibonacci através da geração de ondas de som é a expansão contínua do Universo, onde tudo é uma onda de sinal que produz som e forma. Nada mais existe no universo visível. O Espírito da Palavra atua em nós na criação.

O evangelho de João (1:1) diz que: "No princípio era o Verbo e, o Verbo estava com Deus e, o Verbo era Deus". O verbo a que se refere é a palavra, e a linguagem onomástica dos nomes a que se liga deriva da fala e do canto. Através do som expressamos

Ilustração 2: Cabaceira (Apalá, Igbá) faz feitiço para desmanchar feitiço. (PEREGRINO, 2019)

uma interioridade (espiritual? divina?), um reflexo da constatação da materialidade exterior que nos chega pela luz na visão, mas o ouvido e seu sentido nos serve duplamente à audição e ao tato.

Em terras africanas os artesãos tradicionais acompanham o trabalho com cantos rituais ou palavras rítmicas sacramentais, e seus próprios gestos são considerados uma linguagem. De fato, os gestos de cada ofício reproduzem, no simbolismo que lhe é próprio, o mistério da criação primeira, que, como foi mostrado anteriormente, ligava-se ao poder da Palavra (KI-ZERBO, 2010). Aqui na tradição dos Terreiros tudo é cantado, ritmado ao som do atabaque.

Entre os povos indígenas da América do Sul o canto faz parte da farmacologia e muitas vezes chega a superar em importância as plantas medicinais. Anthony Seeger (2015) fala sobre a importância na sociedade Kïsêdjê dos cantos de invocação (*sangere*), que podem ser entoados por familiares ou mais comumente por especialistas pajés, xamãs, feiticeiros, no tratamento das enfermidades.

> As invocações operavam através de um sistema complexo de metáforas. Sua eficácia dependia da inserção do atributo de um animal, planta ou outro objeto natural no corpo humano, de modo a conferir uma propriedade do animal a uma parte ou função corporal particular. Em todos os casos, invocava-se algo que os humanos não possuem, e o atributo era soprado e cantado no corpo do paciente. (SEEGER, 2015: 84)

O feiticeiro encantador de folhas fala do desequilíbrio do coletivo, o fetiche, o mundo de ilusões que corrompe a alma humana e destrói tudo que existe. E para cumprir o destino com menos obstáculos, cantar é uma simetria da singularidade da vida. Nas mais antigas culturas religiosas o canto é a essência. A música nasceu com a natureza, ao considerarmos

que seus elementos formais, som e ritmo, fazem parte do universo e, particularmente da estrutura humana.

Deleuze & Guattari (2012, p. 122) lembra que a criança no escuro, tranquiliza-se do medo cantarolando. Perdida, ela também entoa canções para se orientar. É o canto um estabilizador que acalma no meio do caos. "[...] a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela enraíza também deslocar-se a cada instante", para os filósofos o canto e sua qualidade expressiva cria um território.

Conta a lenda que Apolo deu de presente uma lira a Orfeu, e ao tocar sua lira produziu harmonias que se juntaram a toda a natureza em paz e alegria. Que essa matriz de Criação esteja esperando por nós para que o som mais harmonioso acorde vibrando, o som do próprio universo em uma forma perfeita idealizada, para que possamos acessar a perpetuação do conhecimento através da oralidade harmônica. A mente absorve melhor as coisas que possuem ritmo, determinante num tempo.

Capra (2006) fala de uma interação dinâmica, que oscilam em movimentos rítmicos, e diz, que o mundo de partículas subatômicas não existe de forma isolada, mas, como parte integrante de uma rede inseparável de interações, que envolvem um fluxo incessante de energia que se manifesta como uma troca. Esse fluxo é composto de um mundo de ritmo, movimento e mudança contínua.

Para tanto, a visão dinâmica do universo, representado na dança ou no cantar expressa a intuição da natureza. Por meio dos movimentos se reproduzem o som e tudo ao mesmo tempo se modifica e cada átomo canta sua canção e o cada momento o som cria formas densas e sutis. Na natureza da vida é preciso escutar o "mestre de som" para encontrar o equilíbrio,

mas, também pode-se encontrar no processo rítmico a criação e a destruição, morte e renascimento, num ciclo interminável.

Na ciência do mestre dos sons, é possível libertar-se de encantamentos, romper laços de dependências kármicas, são movimentos de libertação. Os rituais e os exercícios espirituais contribuem para liberta-se de diversas modalidades de consciência. O Povo de Terreiro sabe disso e, em suas práticas de limpezas e cuidados com o corpo, trazem o canto e a dança como principal mecanismo propulsor para o equilíbrio humano, o ritmo do canto traz manutenção, proteção e paz, libertação e fascinação.

O som da natureza desperta a consciência da liberdade e ainda destrói todas as formas de opressão. É criação e destruição, base da existência. O som da criação, o som da destruição, equilíbrio da criação, não se pode ter medo. Fritjof (1988) fala da dança cósmica para tratar da interação dinâmica das partículas variáveis de energia que se manifestam como uma rede inseparável de interações e de equilíbrio ou desequilíbrio, e, portanto, são processos naturais que ocorrem constantemente em todo o ciclo vital, por causa de ambiente inconstante.

Para isto, uma consciência ecológica da vida, institui uma percepção de que o organismo humano como um ecossistema, é parte integrante da natureza e, portanto, são sujeitos às influências das forças naturais. Para o africano, a ideia de desencantar feitiço estava associado a doença usando as forças da natureza. O mundo está enfermo de fetiche do capital, na subjugação contra o outro, do poder hegemônico que retira do pobre o direito de viver. Desencantar esse tipo de feitiço, é um cantarolar nas tomadas de uma consciência da nossa própria condição e assumir a identidade, a forma, o território, a existência de todas as formas de vida.

3º Mistério - Iluminar as buscas
(Efínrín òtu)

Erva da conquista e da prosperidade, ao atrair o bem-estar, bem utilizada ajuda a iluminar a busca. Como símbolo do amor e da coragem, acalma o temperamento e propicia uma consciência ampliada em suas escolhas. Se pode com ela alcançar a iluminação no segredo do segredo.

Quando a gente não sabe, deve querer aprender. Enquanto não se sabe é temerário ousar, porém, é sempre bom calar quando não se tem o que dizer. Um princípio de precaução. A ousadia está na busca do conhecimento como mecanismo da expansão de uma consciência libertadora. A luz é a energia vital. A iluminação é importante na influência determinante do pensamento. Tomar consciência da clara luz da realidade é a tentativa de ver a natureza essencial de todas as coisas. A chama sem fim da vida.

Numa dessas parábolas orientais, foi a nós contado: Olhai para o caminho atento. O discípulo ao procurar o mestre diz: "Como posso me tornar um sábio?" O mestre caminha numa grande montanha, chegam distante e no alto envolto a uma fogueira e mantém-se em silêncio durante toda a noite. Ao amanhecer o discípulo pergunta: "O que fizemos?" O mestre responde: "Você é como essa fogueira que logo queima, nem sequer enxerga o rio, as estrelas, o clarão da noite, o cheiro, o vento, os sons. Enxergue para além dos rios, enxergue para além dos silêncios".

O mundo apresenta ilusões consagradas como verdades, todavia, essas são ilusórias razões que numa confusão etérea ex-

Ilustração 3: Manjericão cheiroso – erva de Òs̩àlá (Efínrín òtu).
(PEREGRINO, 2019)

termina os sentidos para dar sentidos a leis estranhas. Por exemplo, confundir erudição com cultura, instrução com educação, técnica com sapiência, sucesso com grandeza, prazer com felicidade. Um robô da civilização não pode ser confundido com um gênio da sabedoria. A coisificação de muitas substâncias sem nenhuma substância frutada é infeliz (LAO-TSÉ, 2006).

Numa visão humanista e não utilitarista, novas formas de organizar a vida, supõe linhas de reflexões. Pensar a vida a partir de bons víveres, onde as relações entre indivíduos com outros indivíduos, comunidades com outras comunidades, indivíduos e comunidades com bons viveres com a natureza e na natureza, propõe uma nova perspectiva de busca de caminhos

que impulsiona o sentido da felicidade. O segredo do sagrado é a busca do lugar da bênção, que é um território sem manipulação, não há desejos.

4º Mistério - Esclarecer os Mistérios
(Semim-Semim)

É uma planta que "varre" - limpa o organismo e deixa a vida mais doce. Ao lavar os olhos, tudo se esclarece... Onde há mistério na realidade? Tudo é uma onda e tudo é uma partícula. Descobrir o significado de tudo é pisar no chão, saber enraizar-se, integrar-se e transformar-se em uma coisa só. Na ciência das águas, como explicar, por exemplo: o galho da goiabeira cortado em forma de tau, usada no Sertão, para buscar veios d'água? A convicção da insuficiência do conhecimento humano cresce na medida em que cresce o conhecimento. Mas, quando os humanos extrapolam o conhecimento para o domínio e poder, sua insígnia transforma-se em corrupção.

A condição da necessidade humana, para quê?, compreender a natureza das coisas, do fluxo da existência. Existe coisas que são inacessíveis. Mas, "enquanto existir vida é possível cuidar". Acessar o desconhecido é acessar a própria loucura. Acessar a caixa dos conhecimentos. Reconhecer o que está por dentro e as causas e os efeitos do sentido do mundo. É a pista para esclarecer o adoecimento da vida. Desvelar o sentido de um elemento nulo.

No filme de PI, uma narrativa simbólica é mais aceitável que a realidade da vida. Prefere-se ter narrativas românticas,

Ilustração 4: Vassourinha doce ou vassourinha de Òs̩ùn (Semim-semim).
(PEREGRINO, 2019)

que as narrativas concretas. O mistério é a capacidade de acessar o bem-estar, o paraíso, não do mito da natureza intocada, mas, daquele paraíso com formas capazes de cuidar. Qualquer um pode estar dentro do paraíso, mas, somente alguns são guardiões deste paraíso. Talvez os Povos Indígenas sejam os que mais se aproximam do papel de guardiões, outras sociedades como os Ubuntu na África, os Svadeshi, entre outros na Índia, tenham papel de guardiões. Todavia, seria insensatez pensar que os guardiões seriam povos tradicionais, como se esses fossem os "bons selvagens", isto é mito.

A superação extraordinária disto é ao mesmo tempo que garantir direitos humanos, garantir os Direitos da Natureza, reco-

nhecer a natureza como sujeitos de direitos. Para além de uma visão clássica de justiça, o Direito da Natureza e os Direitos Humanos, guardam no equilíbrio disto, um ideário de igualdade biocêntrica.

É a ideia de um mundo reencantado, onde, acessar o território da consciência supõe aproximar-se do que há de mais sacro - o território do equilíbrio de felicidade. É onde as coisas em harmonia, equilibram o mundo e torna a razão pelo qual fomos criados, sentido real.

O segredo não é o acesso ao óbvio desconhecido, é justamente o que a obviedade não permite enxergar.

5º Mistério - Escapar das Tempestades (Apàko)

A firmeza e a flexibilidade nos tornam fortes e vigorosos. É preciso atravessar os elementos da natureza para se inscrever na alma da existência e, refletir o estado de espírito para condicionar a forma de agir. Na analogia da tempestade, o desencadear de estados psicológicos, onde a vulnerabilidade humana se destaca, possui como aspecto de superação, - o Bambu que se enverga para ultrapassar o fenômeno da natureza com grandeza e sabedoria. O bambu curva-se na tempestade para não quebrar, as divisões e limites é que lhes dão sustentação. A flexibilidade é a capacidade de se adaptar às circunstâncias da vida, significa não ter posturas rígidas em termos físicos ou psíquicos.

Ainda em metáfora, os pássaros possuem os sentidos para detectar as tempestades e se antecipam em abandonar o lugar antes mesmo da chuva chegar.

Ilustração 5: Bambu - Apàko, planta que ensina a firmeza.
(PEREGRINO, 2019)

Escapar dos dilemas da humanidade exige sabedoria e capacidade de resiliência. A busca pelas transformações da consciência. O filósofo Jouffroy expressou isso com grande simplicidade: "À vista de uma árvore na montanha batida pelos ventos, não podemos ficar insensíveis: esse espetáculo nos lembra o homem, as dores de sua condição, uma multidão de ideias tristes". O valor expressivo da envergadura da árvore sob a tempestade demonstra que a

dor está nos cosmos, que a luta está nos elementos e que as vontades são contrárias.

O segredo da felicidade é a liberdade e o segredo da liberdade é a coragem. Ela só é plena se não for corrompida e a coragem nos dá disposição para enfrentar nossos próprios fantasmas.

Cântico

Péle bé ni tó bà
Apàko màko pé le bé
Pé le bé ni tó bè

Folha que dá longa vida,
Estamos suplicando muito a folha que dá vida longa,
Que é firme e escapa das tempestades.
Estamos suplicando ao bambu, folha da vida longa, que é firme e escapa das tempestades,
Que nos torne forte e vigorosos.
Folha que dá vida longa, que é firme e escapa das tempestades, estamos te suplicando muito.

6º Mistério - Cortar o mal pela raiz
(Ewé idà Òrìs̩à)

É utilizada como simbolismo *ewé idà Òrìs̩à* - "folha de espada de orixá". Como suas folhas são em formatos de espada, são por demais poderosas, são rizomáticas, portanto

conexas para o alto, para os lados e para baixo. Há raízes profundas no inconsciente humano. A raiz é a árvore misteriosa, é a árvore subterrânea, a árvore invertida. Para ela, a terra mais sombria – como o lago, sem o lago – é também um espelho, um estranho espelho opaco que duplica toda realidade aérea com uma imagem subterrânea [...].

A verdadeira comedora de terra, a serpente mais terrestre de todas, é a raiz. O devaneio materializante realiza incessantemente uma assimilação da raiz à terra e da terra à raiz. A raiz come a terra, a terra come a raiz. Jean-Paul Sartre escreve incidentalmente: "A raiz já é, em parte, assimilada à terra que a nutre, é uma concreção viva da terra; não pode utilizar a terra a não ser fazendo-a terra, ou seja, num certo sentido, submetendo-se à matéria que ela quer utilizar".

O Pajé Jagurissá Pankararu Opará, afirma:

> Quando a coisa está demais, começa por aí… quando o ser humano passa dos limites, há um abuso, então, imediatamente tem que ser dialogado com esse limite. O aproveitamento da confiança alheia é tolice. Daí porque já tem que ser cortado. Arrancar de dentro o mal que nele se esconde. A corrupção, a mentira, a injustiça.

A ferramenta do engano está na inveja, nos maus olhares, na cobiça. *Ewé idà Òrìṣà* possui formato de espada e, como tal, carrega a função de cortar o mal que atravessam os caminhos.

Ilustração 6: Ewé idà - folha de espada (espada de São Jorge, Ògún e Yánsàn). (PEREGRINO, 2019)

7º Mistério - Vencer as lutas com olho de pombo
(Owéré njénje)

É a planta que une a comunidade e vence as lutas sem fazer uso de violência. É ela que apaga o fogo do incêndio. Ao ajudar para não perder a tranquilidade, o olho-do-pombo representa a paz, a luz e a união.

Olhar para a realidade dos mais pobres - é a simplicidade e a gentileza. Ensinar aos simples as verdades divinas. O pombo possui um bom senso de direção, por isso são pombos-correios. O pombo, como maior símbolo do amor, possui a doçura de seus costumes. É símbolo da pureza e da simplicidade, consiste na paz, na harmonia e na esperança. Felicidade recuperada. Como o pombo precisamos vencer com astúcia, pensar as estratégias certas, o pombo enxerga pelo menos 250 graus. Enxerga quase tudo.

No cristianismo, ao representar o Espírito Santo como pombas, o símbolo está intrinsecamente ligado a simplicidade, mas, como na recomendação do Evangelho aos discípulos: "sejam prudentes como as serpentes e simples como as pombas" (Mt. 10:16).

A expressão "São pombas, teus Olhos, escondidos pelo véu", na Bíblia significa... "teus olhares são mensagens de amor; o que teus olhos me dizem manifesta teu amor, tal como as pombas anunciavam a irradiação erótica das deusas do amor do Antigo Oriente, para quem elas eram sagradas". São os olhos a irradiação da beleza. São os aspectos básicos em ter bons olhos, para sermos bons guias na hora de ensinar, fonte de contínua maravilha.

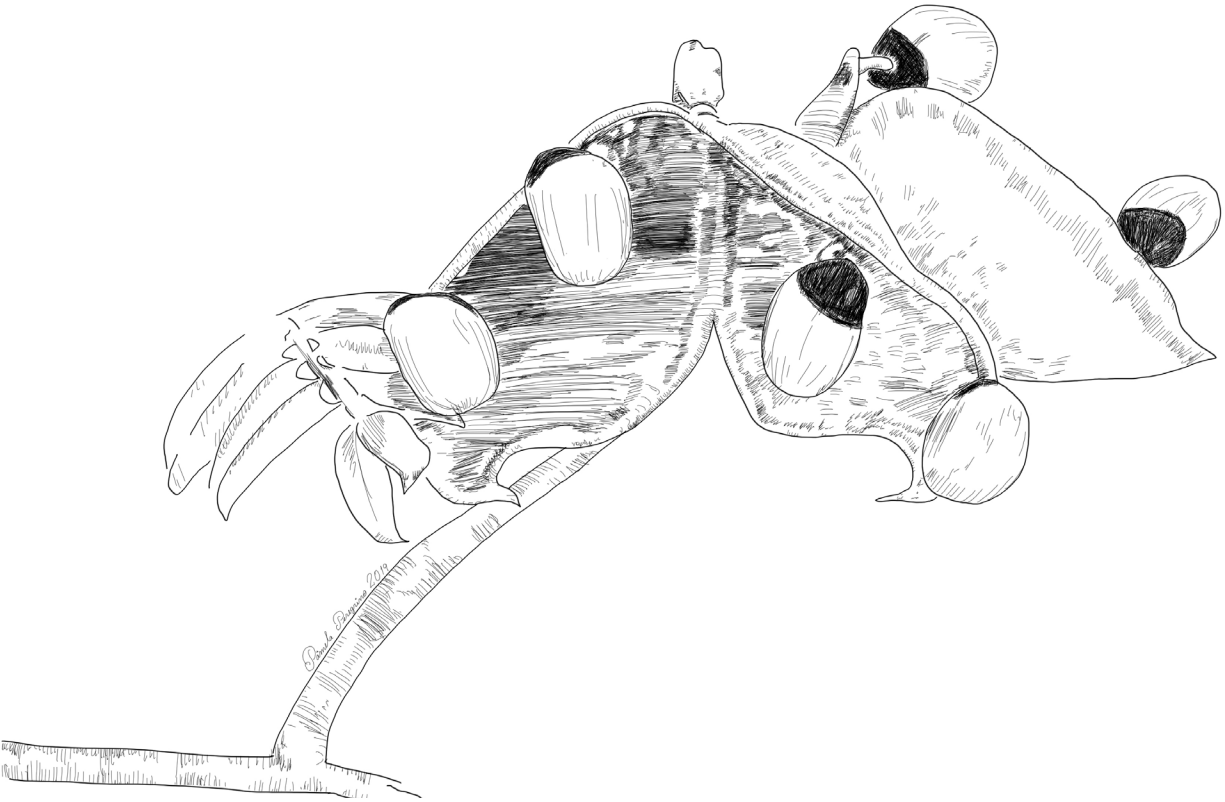


Ilustração 7: Olho-de-pombo (Owéré njénje)- planta de Òṣàlá .
(PEREGRINO, 2019)

8º Mistério - Ajudar a carregar a carga sem queixa
(Ewé Baba)

Com o àṣe do mestre Òsányìn é possível torna-se um conselheiro para ajudar aos outros a carregarem suas cargas. O sentido do cuidado com o outro

> Eu não tenho lazer, a minha vida é cuidar [...] um é doença, outro é emprego, outro é problema de família, outros é problema de amor, aí você vai pegando os eixos e encontrando. A gente tá alí pra zelar do espírito perante a carne. O espírito que é o eu e a carne que sofre, então tem que cuidar dos dois. (Ìyálórìṣà Idjemim)

Ilustração 8: Tapete de Òṣàlá (Ewé Baba). (PEREGRINO, 2019)

O sentido da comunidade é anterior ao indivíduo, ou seja, só existe o Eu por existir uma entidade comunitária dinâmica interligada por três esferas: a dos vivos, a dos mortos-vivos e a dos não nascidos. Dessa forma, valores como respeito aos mais velhos e as crianças, princípios de partilha e solidariedade, cuidados com todos que compõem a comunidade são muito importantes. Por tudo, ouvir o outro de modo a estar inteiramente presente neste ato é o princípio do cuidado.

Ouvi dizer: "Você nasce com um dom e esse dom um dia se manifesta. Carregue sua cruz, o dom tem que ser exercido. As energias cujo controle são os espíritos é do plano da solidariedade. Desafie sua capacidade".

A existência do mundo, não pode ser visto apenas como uma realidade objetiva material e imaterial, mas também como conceito, porque somos substância ecossistêmica

material e imaterial - corpo, alma e espírito. No pensamento africano, o homem é o lugar de encontro, de convergências, de todas as forças do universo, investidas pelo Ser Supremo, Olórun, Nzambi, Deus. Participando de si mesmos, somos um ser complexo habitado por uma multiplicidade de entidades-forças em movimento permanente.

Assim, o potencial específico humano se desenvolve e vai se desenvolvendo ao longo da sua fase ascendente da vida, em função do terreno e das circunstâncias percorridas, encontradas, vivenciadas… na autorecriação, à procura constante de equilíbrio em função da multiplicidade e complexidade de forças em movimento existentes no Cosmos.

A participação avalia o mundo na sua unidade e coesão, o visível e o invisível; natureza e cultura restam intimamente ligadas e toda manipulação ordenada das forças sobrenaturais torna o ato mágico e/ou religioso. E, nesse ritual, a linguagem, a palavra, não é somente instrumento de comunicação; ela é expressão por excelência, é força que movimenta as potências vitais e o princípio da sua coesão. Somos arquétipos do Universo e como tal, provocadores do mundo circundante. Então é a solidariedade o fator da força vital.

9° Mistério - Usar a planta como remédio (Arruda)

Os cosmos como reservatório de forças e fonte indispensável da vida permite ao humano reforçar a sua força vital a fim de torná-lo mais vivo, equilibrado e harmonioso.

Ilustração 9: Arruda – no grego significa “deixar livre” devido as infindáveis atribuições mágicas. (PEREGRINO, 2019)

Ouvi dizer:

> As ervas ao pertencerem à medicina, vêm exercer extraordinários princípios, abrem portas fechadas e fazem aparecer espíritos. No uso de sua alquimia, sua propriedade curativa, afasta qualquer feitiço: o feitiço do fetiche empreendido pelo capital exploratório, o feitiço das doenças e do coração de maldades, da vingança e da dor. O pior dos feitiços, é o coração corrompido que envenena toda a natureza de injustiça.

A ação do mundo oscila entre dois pólos: a técnica, que consiste em saberes, muitas vezes incontestáveis (farmacopéia, procedimentos agrícolas, etc.); e o sacrifício, que invoca os deuses para que os fenômenos cósmicos sejam favoráveis. As forças desenvolvidas por estas potencialidades estão em perpétuo movimento no Cosmos.

A experiência física do corpo é sempre modificada pelas categorias socioculturais e através das quais é conhecida, sustentando uma visão particular da sociedade. A doença é a ruptura da harmonia entre o ser humano e a natureza. As técnicas de tratamento e cura não podem ser separadas do universo das coisas e do simbólico do qual possui todos os elementos, pois a doença implica, no desequilíbrio desta relação.

O conhecimento da natureza e o uso de animais e substâncias, princípios ativos das plantas, encantações, e o poder das palavras na dimensão da medicina tradicional (preventiva/protetiva e medicina curativa) como o sentido do prolongamento da longevidade de vidas diante da intervenção da desordem na vida humana (doenças, as presenças das forças do mal, etc.).

Conforme a tradição Yorubá, Ifá conhece a origem, a natureza, os nomes pelos quais as doenças são caracterizadas no mundo e o poder (àṣe) de cada uma dessas doenças. O àṣe na concepção filosófica africana/Yorubana significa a força que permite a realização da vida e que mantém a sua existência dinâmica. Àṣe é o poder de realização e transformação dos acontecimentos. Àṣe é a lei, comando, ordem, o poder, a capacidade de realizar algo ou agir sobre seres ou pessoas. Ifá constitui a fonte do conhecimento das ervas e da medicina metafísica (adivinhação e encantações orais). Na ciência da magia de Òsányìn, as plantas curam tudo e traz o equilíbrio individual e coletivo e, ainda, conecta o ecossistema humano no ecossistema de todo o Universo.

10º Mistério - Meditar, rezar. Não desperdiçar energia.
(Umbuzeiro)

O Umbuzeiro cujo fruto é o "imbu" e "umbu" provém do termo tupi *ïm'bu*. Nos tempos do Brasil Colônia, era chamado de ambu, imbu e ombu, corruptelas da palavra tupi-guarani "y-m-b-u", que significava "árvore-que-dá-de-beber" (embora haja a possibilidade de que seja, de fato, uma palavra de origem Kariri).

Para os Povos de Terreiro, é uma planta sagrada, contudo, o iniciado faz um jejum de sete anos sem comer seu fruto.

A Caatinga que no período seco cai todas suas folhas, parece estar morta, mas, quando chove desabrocha. O desabrochar no momento certo é a ciência que a vegetação catingueira possui para poupar suas energias. Há humildade no

Ilustração 10: Umbuzeiro, é uma planta tipicamente brasileira, situada na região do Semiárido nordestino, é o símbolo de resistência.
(PEREGRINO, 2019)

curvar-se, perdendo suas folhagens, todo o sistema se encarrega de abastecer-se, recomeçando no momento certo a se equilibrar para dar sentido ao seu ciclo natural. Seja umbuzeiro para guardar a energia em suas raízes e dar vida, como a mãe que amamenta o filho de colo.

No mundo ocidental, a fé foi traduzida numa divisão inaceitável entre os domínios temporal e espiritual, entre o profano e o sagrado, como se fossem dois mundos separados. A fé não é um negócio de afetividade, ela requer um discernimento. Nas experiências africanas de realidade há sempre um "mundo entre os dois", o domínio dos espíritos, onde o céu e a

terra se encontram, se comunicam. Constitui um microcosmo espiritual vital, principal lugar de comunicação humana.

Os espíritos dos ancestrais ocupam um lugar central na concepção do mundo. Oferecendo os sacrifícios e invocando os espíritos ancestrais, eles se ocupam com o bem-estar coletivo e individual. É preciso crer que os mortos "vivem". Eles não vivem, eles existem no estado de forças espirituais. Os espíritos dos ancestrais mantêm a relação com a sua descendência e podem "fazer beneficiar da eficácia da sua potência vital". Os vivos têm igualmente a possibilidade de fortalecer os ancestrais, de aumentar pela sua veneração, a oração e o sacrifício. A oração é o fio misterioso na qual o ser humano em perigo procura sua harmonia e/ou equilíbrio na fonte primeira. A oração é o regresso à fonte. Restabelece, simplesmente, o contato com a vida. É por meio da reza que se fortalece o próprio espírito e por meio dela, se acessa o Grande Espírito.

11° Mistério - Fixe apenas nos bons pensamentos.
(Akòko - árvore)

O Akòko desempenha um papel fundamental na união dos seres, Ayé (mundo dos vivos) e Òrum (mundo dos espíritos). Seu tronco, que geralmente não é muito ramificado, lembra um grande òpó isé, que ligaria o Céu a Terra. Nesse caso, sua ligação com a ancestralidade e com o elemento ar. É uma folha de prosperidade e multiplicação. Isto porque, o segredo do segredo do Akòko é firmar o pensamento na positividade para não se corromper.

Ilustração 11: Akòko – a planta do reconhecimento.
(PEREGRINO, 2019)

"O dom da vida é absorver o que de bom existe, renegar o que não é ruim é uma dádiva, porque os maus pensamentos não têm reaproveitamento" (Pajé Jagurissá, Pankararu, 2017). Levar alegria e cultivar alegria. Um abraço, uma palavra conforta o nosso sabor e a nossa arte de brincar e tornar a vida bela.

O valor supremo é a vida e dela temos que alimentar o próprio espírito. Viver é ser criador. Todo vivo deve, por consequência, cooperar com esta vida. É uma necessidade natural que se torna uma obrigação moral. Daí porque o pensamento deve ser um pensamento culto. Um pensamento do lugar do encontro, de convergências, de todas as forças do universo, investidas pelo Ser Supremo, Olórun, Nzambi, Deus.

A melhor magia e o encantamento que se pode gerar em torno de alguém ou grupo é o pensamento positivo que se denomina em bênçãos, esse território não tem manipulações. Nada é mais perigoso que uma consciência corrompida, a negatividade traz brechas aos pensamentos que cega nosso juízo.

Ewé ófé gbogbo akoko
Ewé ofé gbogbo akoko
Awá li li awá oro
Ewé ofé gbogbo akoko

Akoko é a folha de todas as pessoas inteligentes
Akoko é a folha de todas as pessoas inteligentes
Nós temos, nós somos, riquezas e saúde
Akoko é a folha de todas as pessoas inteligentes

12º Mistério - Encher o corpo de vida. (Òdundún)

Folha da Costa (Òdundún) – A folha que protege os iniciados, glorifica, purifica e ilumina o corpo, a mente e o espírito. Folha de Òsàlá e òrìsàs funfun. Elementos: água/feminino/èrò. Uso litúrgico: rituais de iniciação, àgbo, banhos diversos, em sacrifícios rituais, lavagem dos cawris e dos olhos, sacralização de objetos rituais. Terapêutica: doenças pulmonares, alivia dores e inchaços, cicatrizante, úlceras e distúrbios estomacais.

Encher o corpo de vida é alimentar o espírito. Renovar a consciência dos princípios ecológicos, traz renovações e cone-

xões com o sagrado. As alegrias e ritos onde o corpo, a mente e o coração se sintonizem são equilíbrios a serem alcançados como modo de vida.

A medicina na sua sacralidade, com seus diferentes sistemas de crenças, encontra nas plantas, seres sagrados. Investidas de poder, os vegetais curam, e investidas em seus conjuntos ritualísticos, encontram lugar mais definido: objetos de várias ordens, benzeduras, passes, bênçãos, banhos, movimentos corporais, envolvendo mãos, braços, pernas, tronco, cabeça, acompanhados de cantos, palmas, danças, instrumentos musicais, empregam através dos chás, unguentos, xaropes, garrafadas, entre plantas cremadas em charutos, cigarros, cachimbos, incensos, etc., transcendem as classificações taxonômicas, fórmulas químicas e análises farmacológicas.

Encher o corpo de vida é tão somente, ser capaz de alterar a consciência para entrar no mundo dos vegetais, não conhecer somente sua propriedade intrínseca, mas, a presença das forças em seu caráter sacral que a planta incorpora. Encher o corpo de vida é invocar o fluido vital que está imbuído no Universo.

Conta uma parábola budista, que um mestre veio a falecer. Os incultos se puseram a chorar, os mestres que tinham acesso à tradição (ao segredo) não choravam. De acordo com a tradição budista o mestre estava num lugar de luz, prestes a dar continuidade a suas encarnações. Já os verdadeiros sábios, os mestres mais experientes, estes choravam o falecimento do líder. Faziam isso porquê, a pesar de conhecerem o segredo da tradição, dispunha do segredo do segredo. Há uma tristeza legítima na passagem de um companheiro querido. O choro se fazia acompanhado do conhecimento de que não se trata de um término total. Não reconhecer que estavam diante de um

fim seria uma ilusão. O segredo é que ele morreu; o segredo do segredo é que ele morreu sim, mas não como as pessoas entendiam a morte. O conhecimento parcial nos afasta mais do que a própria ignorância.

O segredo não é uma obviedade desconhecida, a obviedade não permite enxergar. O segredo pode ser vazio, mas, o segredo dos segredos, o sagrado, tem o poder de nos resgatar de volta ao que é real redimindo-nos do engano sedutor. A visão do segredo do segredo, ganha visão ampla.

Ilustração 12: Folha da Costa (Òdundún) planta que protege os iniciados. (PEREGRINO, 2019)

6

Encantar as Folhas no Reino dos Vegetais

O segredo da felicidade é a liberdade.
O segredo da liberdade é a coragem. (Tucídedes)

No sistema Yorubá botânico, a nomeação das plantas leva em conta o cheiro, a cor, a textura de suas folhas, a reação ao toque e a sensação provocada pelo contato (FATUMBI, 1995). O uso das plantas não está associado apenas a curar a doença física, mas, elevar as condições humanas, por exemplo, para obter honrarias e glórias, alcançar boa sorte, proteger contra a morte, atrair simpatia de pessoas, conseguir dinheiro, encontrar trabalho, vitória contra o inimigo, proteção contra feitiçaria.

A preparação dos remédios e trabalhos são acompanhados de encantarias (ofò) que associados ao nome da planta tem poder de agir. A transmissão oral para o Povo de Terreiro,

é o veículo do àṣe, as palavras para terem efeito têm que ser pronunciadas e mesmo que escrita não possui efeito. A música e a ritmação nos trocadilhos cantados são de natureza mágica e neles o nome do objeto sacrificado, exprimem palavras do resultado desejado.

Há pistas desse encantamento, onde a oferenda a ser feita e a encantaria apropriada podem ser apresentadas: um pilão (odó) é usado para encontrar onde acampar (dó); folhas de tètè para encontrar onde descansar (té); folhas (gbé-gbé) para encontrar onde morar (gbé). Reconhecer a folha, recolher a folha, exige respeito.

Sem folha, sem mar, sem árvores, sem rios, sem montanhas, sem ventos, sem raios não existem divindades. Mas a própria cosmogonia permite também o raciocínio inverso, contrário, que pode se iniciar com uma indagação: O que existe sem a divindade, a cultura, o passado na forma da ancestralidade?

O Reino do sangue verde da vida é um jardim, onde as plantas sagradas podem ser transformadas em remédios. Essas vibrações são desenvolvidas na complexa relação Òrìṣà/gente/folhas. Os Òrìṣàs que são as representações das forças da natureza, por isso, cada Òrìṣà possui características próprias e folhas que o identificam. O ser humano nessa relação se torna receptor de toda energia do Òrìṣà, da natureza.

Na Ecologia das folhas há contido todos os elementos da natureza, desde o Ayé (Terra) e o Òrum (Céu), do mundo dos vivos e do mundo dos Òrìṣàs e dos antepassados. Há folhas do Ar/Vento (Ewé Èfúùfù), há folhas de Água (Ewé Omi), há folhas da Terra/Florestas (Ewé Ilè ou Ewé Igbó), há folhas do Fogo (Ewé Iná), há folhas do Éter (Ewé Ìmòye). Vejamos os elementos como ouvi dizer:

1. *Ewé Omi* - Folhas do elemento Água – produz o fluxo da vida, o sangue. A corrupção é a paixão obscura, a consciência é o agregado, e estas quando transmutadas, tornam-se a Sabedoria Semelhante ao Espelho. Estas curam as doenças venéreas femininas, a falta ou excesso de "regras menstruais", abortos, infertilidade e os demais distúrbios incluídos na categoria de "doenças de senhoras" ou "doenças da barriga", constituem apelos ou "marcas" de Yemọjá e Òṣùn, ligadas ao elemento água, à feminilidade e à maternidade. Observa-se que em quase todas as oferendas para Òṣùn colocam-se ovos, símbolos da fertilidade. A esse Òrìṣà, cabe também o restabelecimento das "doenças de crianças".
2. *Ewé Ilẹ̀ ou Ewé Igbó* - Folhas do elemento Terra – ao produzir os principais constituintes sólidos da forma humana e de todas as esferas físicas, dá lugar à paixão do egoísmo, estes quando transmutados divinamente, tornam-se Sabedoria da Igualdade.
3. *Ewé Iná* - Folhas do elemento Fogo – ao produzir o calor animal dos seres animais e humanos encarnados, dá lugar à paixão do afeto, ou luxúria, agregado aos sentimentos. Aqui a transmutação gera Sabedoria do Discernimento, conhece todas as coisas separadamente e todas as coisas como uma só. O estudo das partes leva ao entendimento do todo.
4. Ewé Ẹ̀fúùfù - Folhas do elemento Ar – produz o sopro da vida, suas qualidades ou paixões no ser humano é a inveja ou ciúmes. A transmutação está na Sabedoria do Todo – Realizadora, que proporciona perseverança e ação correta nas coisas espirituais.

5. Ewé Ìmòye - Folhas do elemento Éter (sabedoria, compreensão, previsão) – produz a mente ou o conhecimento, e o corpo de desejos dos habitantes do Estado Intermediário, a morte. Evoluída gera Sabedoria da Consciência. O (E) como símbolo matemático significa EXISTE, é E-TER na mente - Eternamente. Na conciência da morte a única certeza é a existência humana. A morte como um estado da eternidade, também tem consciência, conhecimento, ver o que não é ilusão. O Éter é ter na mente. Eternamente. O Éter é o poder espiritual presente em todos os mistos. O centro criador. O que podemos chamar de vida (sopro).

É de dentro do vegetal que se sente tudo e se encontra a proteção. Como uma casa, para penetrar na folha, há apenas uma janela, mas, por dentro, há inúmeras portas que penetram o sol da vida e que protege das tempestades, das fúrias, dos tufões. De lá, se sente o suave da brisa, o frescor da relva e encontra-se a paz. Mas, a paz!? ah, a paz! É tensão e é amor.

Ìsúre Òrìs̩à Ò̩sányìn (em Yorubá)

Iba Ò̩sányìn Esinsin abedo kinnikinni, Akepe nigba oran, Elese kan ju elese meji, Ewé gbogbo kiki oogun, Ewé a je, oogun a je fun mi Loni emi fe ire re, Ò̩sányìn jowo fun mi nire, Fun mi ni ola, Wa wo mi san, Ki o si fun mi ni aabo. Oro ati alafia. Às̩e ti Eledunmare Eledunmare àse.

Benção meu Senhor Ò̩sányìn (em Português)

Ò̩sányìn eu te saúdo. Pessoa que tem fígado de cristal, Pessoa de uma só perna, e que é mais forte do que aqueles com duas, Para você todas as folhas são medicinais, As folhas vão funcionar para mim, Hoje eu quero a sua bondade, Me dê a honra, Venha me curar, Para que você me dê proteção, prosperidade e paz. Axé do Senhor Supremo Benção do Senhor Supremo.

Ewê (Chandra Lacombe)

Ewê é minha mãe, ewê
Ewê quer meu pai, ewê
Ewê me deu força para poder viver

Quando entrei na floresta
Pedi licença para entrar
Eu fui recebido por meu pai Ossanha

Ewê é minha mãe, ewê
Ewê quer meu pai, ewê
Ewê me deu força para poder viver

Esse grito é tão lindo
E faz a gente viajar
É meu pai Ossanha
Que aqui vai passar

Ewê é minha mãe, ewê
Ewê quer meu pai, ewê
Ewê me deu força para poder viver

Quando estiveres chorando
Por alguém te abandonar
Estou aqui bem perto
Contigo eu vou ficar

Ewê é minha mãe, ewê
Ewê quer meu pai, ewê
Ewê me deu força para poder viver

Katendenganga purussu
Katulá djina puramó

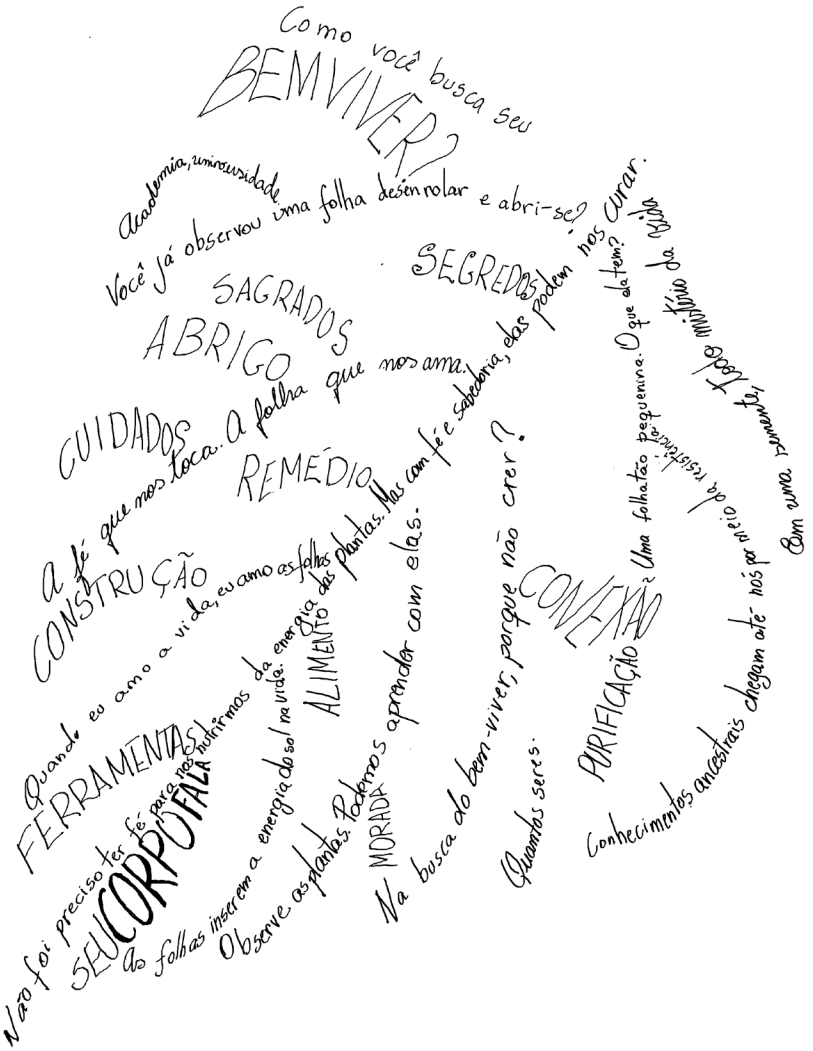
Katendé é é
Katendé Katendengoma
Katendé na aruanda é

Posfácio

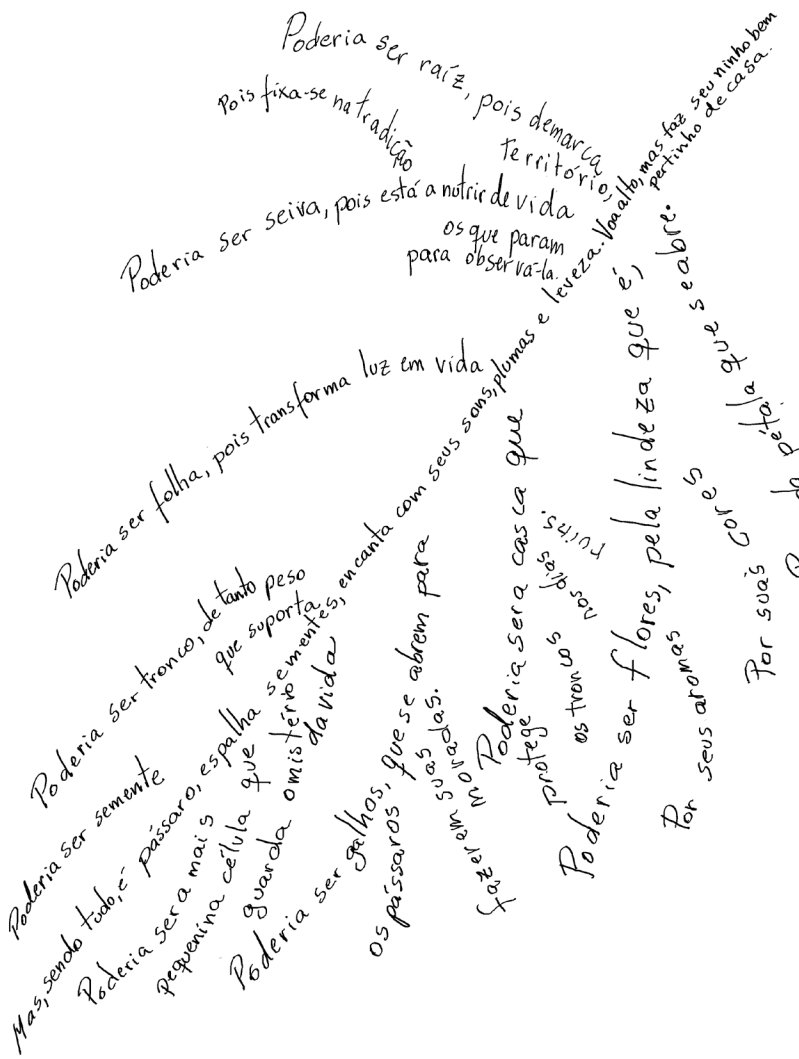
de Pâmela Peregrino

Resolvi escrever o posfácio dessa obra que tanto me encantou, que me descortinou um pouquinho desse mundo misterioso e sagrado, em duas folhas. Uma folha com reflexões sobre a obra e uma folha sobre a autora. Então, lá vai!

Sobre "Òsányìn - os segredos e mistérios das folhas sagradas" e os aprendizados que me trouxe, posso dizer:



Sobre a autora, Alzení Tomáz:



Dicionário

`Nkisi – Entidade sagrada da Nação Angola semelhante a Vodum e Òrìs̲à;
Abassà – Terreiro de Candomblé que segue os preceitos das nações Angola e Ketu;
Àdó - Pequena cabaça utilizada para a conservação de pós de uso mágico e medicinal;
Adobá – Ato de reverência feita aos Òrìs̲às ou pessoas importantes na hierarquia do Candomblé;
Àgbo – Infusão de água com folhas maceradas;
Àgò – Forma de pedir licença;
Agué – Vodun da caça e das florestas e conhece os segredos das folhas;
Ajalaiè – Personagem do mito sobre medicina e magia;
Akòko – Tipo de arbusto sagrado;
Alaaye, Igba e Oge – Primeira geração de divindades da floresta;

Amassi – Banho de ervas recém feito;
Apàko – Bambu;
Àpalá, Igbá – Cabaceira;
Àronì – Espírito que vive nas matas, acompanhante de Òsányìn;
Àṣe – Força vital que transforma o mundo;
Ayé – Terra, mundo dos homens.

Bàbálórìṣà – Sacerdote masculino, Pai de santo.

Cawris – Relacionado aos elementos litúrgicos.

Dó – Acampar.

Ebòorí – Sacrifício à cabeça;
Ebòs – Sacrifício, oferenda, despacho;
Edun-ara – Pedra-de-raio;
Èèwò – Tabu, algo proibido, mistério. Representa uma forma de manter o equilíbrio entre o mundo material e o mundo espiritual, por meio de determinadas regras de conduta;
Efínrín òtu – Manjericão cheiroso, erva de Òṣàlá;
Ekaia – Folha em Kikongo;
Elegidi, Aweru – Cabaça que fica dependurada;
Èlésìjé – Rei de Èsìjé;
Ematon Osun – Emblema em ferro forjado constituído por uma haste central, onde está exposto um pássaro, sustentada por uma base da qual se elevam seis outras hastes em forma de leque;
Enrinlé – Òrìṣà da caça, pai do Òrìṣà Lógunèdé;
Eré – Jogo, brincadeira, criança;

Èrò – Mistério;
Erùpè – Yèpè, Terra, Solo;
Èsù – Senhor dos caminhos, é o grande mantenedor da ordem, da organização e da disciplina;
Ewé – Folha, folhagem;
Ewé Baba – Tapete de Òsàlá;
Ewé Èfúùfù – Folhas do Ar/Vento;
Ewé Idà – Folha de espada;
Ewé Idà Òrìsà – Folha de espada de Òrìsà, folhas em formato de espada;
Ewé Ilè, Ewé Igbó – Folhas da Terra/Floresta;
Ewé Ìmòye – Folhas do Éter;
Ewé Iná – Folhas do Fogo;
Ewé Omi – Folhas de Água.

Fava de Àrìdan – Fava de fundamento utilizada no Candomblé, da família *Leguminosae*;
Funfun – Branco.

Gbé – Morar, viver em determinado lugar;
Gbé-gbé – Um tipo de árvore.

Ifá – Sistema de consulta divinatória;
Ikoko Ogo – Recipiente de barro onde estão acomodados os principais segredos desta entidade;
Isabas – Plural de folhas em Kimbundu;
Ìsúre – Bênção;
Ìyá Kékeré – Mãe Pequena do Terreio, aquela que substitui temporariamente a Ìyalorixá;
Ìyálórìsà – Sacerdotisa do culto aos Òrìsà, Mãe de Santo;

Ìyámis – Feiticeiras, mães ancestrais;
Ìyàwó – Esposa, iniciados no culto a Òrìs̩à.

Katendé, Mene Panzu – Nome como é conhecido Ò̩sányìn na cultura Banto;
Kisaba – Folha em Kimbundu;
Kò sí – Forma negativa do verbo wà – estar, existir, haver.

Lógunè̩de̩ – É o Òrìs̩à da fartura, filho de Oxum e Oxóssi, deus da guerra e da água.

Makaiá – Plural de folhas em Kikongo.

Nànà – É o Òrìs̩à dos mangues, do pântano, senhora da morte responsável pelos portais de entrada (reencarnação) e saída (desencarne) das almas.

Nzambi – Deus, Pai todo poderoso em Angola, semelhante a Ò̩ló̩run em Ketu.

Òbà – A Òrìs̩à guerreira e de grande força, é a mãe que entende as dores do coração;
Obakere Aboran – Representação física de Ò̩sányìn, imagem talhada em madeira;
Ò̩balúayé – O Òrìs̩à da varíola e de todas as doenças contagiosas, o poderoso Rei Dono da Terra;
Obì – Noz de cola;
Odó – Pilão;
Odù – Conjunto de signos de Ifá que revela histórias em forma de poemas, que servem de instruções diante de uma consulta, destino;

Òdundún – Folha da costa;
Ofò – Feitiço, encantamento;
Ògún – Senhor é patrono de ferreiros, caçadores, guerreiros;
Olórun – É o Dono do Orun céu e Criador do Orun e do Aiye, o céu e a terra, também conhecido como Olódùmarè;
Olosányìn – Sacerdotes de Òsányìn;
Omi – Água;
Omolu – Também conhecido como Obalúayé, Senhor das varíolas, das doenças;
Oògùn –Remédio, medicamento, encanto, magia;
Òpá – Ferro com sete hastes e um pássaro, forjado em metal;
Òperé – Um tipo de ave conhecida pela sua sonolência;
Òpó isé – Bastão que liga, que tem a função de ??????????????;
Opon – Tabuleiro;
Orí – Cabeça;
Òrìsà – Divindades representadas pelas energias da natureza; Òrisà é conhecimento, sabedoria, experiência e asè em qualquer nação;
Òrìsà Olufón – Considerado o Oxalá mais velho;
Òròbo – Semente de fundamento utilizada no Candomblé, da família *Guttiferae*;
Òrum – Céu, mundo sobrenatural;
Òrúnmìlà – O Senhor da sabedoria, da divindade e da profecia, por vezes chamado de Ifá;
Òsà – Um dos odus de Ifá;
Òsàlá – O Senhor representante do Ser Supremo na Terra;
Òsányìn – O Senhor das folhas sagradas;
Òsóòsi – O Senhor da caça, provedor do alimento, da fartura;
Òsùmàrè – É o Òrisà de todos os movimentos, de todos os ciclos, da riqueza e da fartura;

Òs̲ùn – Senhora dos rios, das águas doces, dos metais nobres, da fertilidade e da prosperidade;
Owéré njénje – Olho-de-pombo, planta de Òs̲àlá.

Pa o̲w ó̲ – Paó, palmas ritmadas em tom de respeito, saudação feita aos Òrìs̲às;
Pejí – Altar.

Rín-rín – Vegetal utilizado para evitar convulsão em crianças.

S̲àngó – Senhor do fogo, dos trovões e dos raios;
Sàsányìn – Ritual que se utiliza de folhas litúrgicas;
Sèkèrè – Maracá (instrumento musical);
Semim-semim – Vassourinha doce ou vassourinha de Òs̲ùn.

Té̲ – Estender esteira, relaciona-se a encontrar o local de descanso;
Tè̲tè̲ – Tipo de erva usada como espinafre.

Vodun – Divindade, deus do panteão Jeje (ewê-fon).

Yabá – Título das Mães Rainhas, no Sertão usado para definir as Oris̲à feminina;
Yánsàn – Senhora dos ventos e tempestades;
Yemo̲já – Senhora das águas salgadas, dos mares, é associada à fertilidade, à procriação e ao poder das Iyami;
Yèwá – Guerreira relacionada ao fogo, detentora de poderes mágicos de cura e transformação.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O Sacramento da Linguagem**. Arqueologia do Juramento (Homo sacer II, 3). Tradução: Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2011.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. 3. Ed. Salvador : EDUFBA, 2011.

AWONIRAN IFAFEMI. **Òsányìn**. 2013. Disponível em: <http://oduduwaaremu.blogspot.com.br/2015/06/osanyin-oluwa-ewe-sabemos-o-amplo.html>.

BAIRRÃO, J. F. M. H. **A escuta participante como procedimento de pesquisa do sagrado enunciante**. Estudos em Psicologia, Natal, v. 10, n. 3, p. 441-446, set./dez. 2005.

BARROS, José Flávio Pessoa de. **A floresta sagrada de Ossaim**: O segredo das folhas (Locais do Kindle 1439-1441). Pallas editora. Edição do Kindle. 2014.

BENISTE, José. **Dicionário Orubá-Português**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrande Brasil, 2014.

BOADA, Martí. **Història social das Arvores no Mundo**. Dendrocultura: dimension social de los árboles. Martí Boada – ICTA. UAB. Palestra ministrada no Iº Seminário de Ecologia Humana. 2012.

BRASIL. **Farmacopeia Brasileira**. Volume 2 / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2010.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **As plantas e o sagrado**: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil. 1. Ed. – São Paulo: Ícone, 2014.

CAPRA, Fritjof. **Sabedora incomum**. Tradução: Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 3. Tradução de Aurelio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lucia Claudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.

DICIONÁRIO de la lengua española. Real Academia Española. Disponível em: <http://dle.rae.es/?id=WzDSEBx>.

ELIADE, Mircea (1907-1986). **O sagrado e o profano**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).

FATUMBI, Pierre Verger. Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá. Ilustrações Carybé. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GARRIGOU-LAGRANGE. Réginald. **El Sentido del Misterio y el Claroscuro Intelectual**. Censor dela Orden. Buenos Aires, 1945.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I**: Metodologia e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. Ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/336233519/212561399-O-Livro-Tibetano-Dos-Mortos-pdf>.

LAO-TSÈ. **Tao Te Ching** - O Livro que Revela Deus. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

MARQUES, Juracy. **Ecologia do espírito**. Paulo Afonso: Editora SABEH, 2016.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: um estudo dos elementos não-racional na ideia do divino e a sua relação com o irracional (Das Heilige). Tradução: Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista/ Ciências da Religião, 1985.

PEREIRA, Josias. **A fé como fenômeno psicológico**. São Paulo: Escrituras Editora, 2003. (Coleção Ensaios Transversais).

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SALUM, M.H.L.; SOUZA E SILVA, W. Por que das hastes de Ossaim brotam pássaros – até flechas brotam! –, mas não folhas???!!!. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 2005-2006. 15-16: 291-320 p.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **O que as folhas cantam (para quem canta folha)**. Maria Stella de Azevedo e Graziela Domini Peixoto. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), 2014.

SARAMAGO, José. **Ensaios sobre a cegueira**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2008.

SEEGER, Anthony. **Por que cantam os Kïsêdjê** - uma antropologia musical de um povo amazônico. Tradução: Guilherme Werlang. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

USARSKI, Frank. Os Enganos sobre o Sagrado – Uma Síntese da Crítica ao Ramo "Clássico" da Fenomenologia da Religião e seus Conceitos-Chave. **Revista de Estudos da Religião**, n 4, 2004, pp. 73-95. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_usarski.pdf>.

Alzení de Freitas Tomáz
Òdòmiróòsódún

Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental do PPGEcoH/UNEB, Bacharel em Direito e Pesquisadora junto aos Povos e Comunidades Tradicionais através do Projeto da Nova Cartografia Social do Brasil, membro do Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana da UNEB. Atuou como Presidente da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH e é membro do Instituto Acção. É Ìyá Kékerè do Abassà da Deusa Osùn de Idjemim, como filha de Òsányìn nasceu sob a djina Òdòmiróòsódún, criada no Candomblé do Sertão em Paulo Afonso – Bahia. Na esperança de tempos melhores que cure a alma humana e a dor da terra usurpada, partilhamos a força vital da vida - o Axé de Òsányìn.

Coleção Orixá

1. A Voz do Tempo

2. Òsányìn: Os Segredos e Mistérios das Folhas Sagradas

Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana - GPEHA

Nova Cartografia Social do Brasil

SABEH

Sociedade Brasileira de Ecologia Humana